

O Louco pela Imaculada

São Maximiliano Maria Kolbe



O Conselho Pastoral do Estabelecimento Prisional Militar de Tomar, não podia deixar de assinalar hoje, 14 de Agosto, mais um aniversário da morte de São Maximiliano Maria Kolbe.

No dia 15 de Agosto, festa da Assunção, o seu corpo foi tirado do Bunker no campo de **Auschwitz** e levado ao forno crematório, onde foi queimado.

E no dia 10 de Outubro de 1982, o Papa João Paulo II proferiu a Fórmula de Canonização, ficando conhecido como **“O Santo do nosso difícil século”**. (João Paulo II).

Assim e face à grande dificuldade de se adquirir literatura referente a este grande Sacerdote e Mártir, resolvemos neste dia oferecer-vos uma cópia do livro editado pelo Pe. Stefano Maria Manelli e que tem por título **“O Louco pela Imaculada”**.

Capelania de São Maximiliano Kolbe, 14 de Agosto de 2006

O Conselho Pastoral





PREFÁCIO

O Papa Paulo VI, no discurso para a beatificação do P. Maximiliano Maria Kolbe (17 de Outubro de 1971), disse que o Beato Maximiliano “fez da devoção à Mãe de Cristo, contemplada no Seu vestido de sol (cfr. Apoc. 12.1), o ponto fulcral da sua espiritualidade, do seu apostolado, da sua teologia”. E o Papa João Paulo II, no discurso para a Canonização (10 de Outubro 1982), acrescenta que para S. Maximiliano “a inspiração de toda a sua vida foi a Imaculada”.

Esta afirmação importantíssima do Santo Padre encontra expressão luminosa em toda a vida de S. Maximiliano. E há uma página que São Maximiliano imprimiu em diversas línguas como prospecto com o título “Eis o nosso ideal”, que nós queremos antepor às páginas do presente livrinho, qual síntese admirável da vida e obras do Santo.

“A Imaculada: eis o nosso ideal!

Aproximar-se d`Ela, tornarmo-nos semelhantes a Ela, deixar que ela controle o nosso coração e todo o nosso ser, que Ela viva e opere em nós e por meio de nós, que Ela própria ame Deus com o nosso coração, para pertencermos inteiramente, sem restrição, a Ela: eis o nosso ideal!

Irradiar pois a Imaculada à nossa volta, atrair a Ela outras almas a fim que perante Ela se abram também os corações do nosso próximo e Ela reine no coração de todos e em toda a parte, sem distinção de raça, de nacionalidade e de língua, como também no coração de todos os homens que viverem em todos os tempos, até ao fim do mundo: tal é o nosso ideal!

E que a Sua vida se desenvolva de modo semelhante em cada alma que existe e que existirá em todos os tempos: eis o nosso ideal mais querido!”

Lendo as páginas que se seguem, veremos a realização deste “ideal” na vida do Santo. Não podemos senão balbuciar acerca dum gigante de amor tão excepcional. Mas queira o Santo aproximar da Imaculada quem ler estas páginas; queira fazê-los conhecer alguma coisa daquela interminável beleza e grandeza da Imaculada que lhe fazia “andar a cabeça à roda”, queira apaixoná-lo pela Imaculada, tal como ele o era, com a mesma “loucura de amor”.

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

A terra natal

São Maximiliano Maria Kolbe é filho da Polónia. Nasce naquela terra fria e coberta de neve, situada entre a Rússia e a Alemanha. Foi pátria de homens laboriosos e fortes.

Zdunska-Wola era uma dessas povoações minúsculas e tranquilas nas quais as famílias se encontravam todas unidas pela própria humildade e esforço.

Artesãos e camponeses, operários, um ou outro com profissão liberal faziam a sua triste vida na aldeola.

A maior parte dos homens e das mulheres eram tecelões em casa, trabalhando para a indústria têxtil que começava a prosperar no vizinho centro de Lodz.

Trabalhava-se muitíssimo: *de Sol a sol*, dizia-se com uma bela expressão, ou seja de manhã antes da aurora até noite avançada. Mas os salários eram miseráveis e as privações diárias pesavam sobre grande parte das famílias.

Havia, contudo, em todos os habitantes o património do católico praticante muito fervoroso, dom precioso que constituía a riqueza vital dos polacos: a Fé cristã. Uma fé tão simples e pura como forte e ardente. Parecia que traziam no sangue, passada ao crivo de lutas e perseguições ao longo dum glorioso milénio de cristianismo. Rainha celeste e patrona da Polónia foi sempre a Senhora de Chestokowa, que do Seu famoso Santuário vela maternalmente pelos seus filhos.

Os seus pais

Chamavam-se Júlio Kolbe e Maria Dabrowska. Eram ambos de Zdunska-Wo. Pertenciam a famílias humildes e boas. A mãe, desde rapariga, que aspirava à vida religiosa “*para gozar o Paraíso entre as virgens*”, como ela dizia; mas teve de renunciar, impossibilitada pela grande pobreza da família. O Senhor, contudo, conceder-lhe-á viver os seus últimos anos de vida num convento, e de morrer entre as Irmãs Felicianas que recordam ainda o exemplo das suas virtudes heróicas. Por exemplo: levantava-se às 4 da manhã, para rezar, fazia penitência, tinha uma tábua sob o lençol e assim que tinha algum dinheiro, mandava logo celebrar uma Santa Missa. O pai, jovem trabalhador e empreendedor, assíduo aos Sacramentos todos os Domingos, era membro dirigente da Ordem Terceira Franciscana, à qual também pertencia Maria Dabrowska, sua mulher.



Maria Dabrowska, mãe de S. Maximiliano M. Kolbe. Foi uma mãe singular pelas grandes virtudes que possuía. Também ela nutria uma especial devoção à Imaculada; no seu quarto tinha dois pequenos altares à Imaculada em memória dos seus filhos: Pe. Maximiliano e Pe. Afonso.

Em Pabianice

Com o crescimento e a presença das crianças, a pobre casa de ZdunsKa-Wola revelou-se ainda mais insuficiente e inadaptada para a família.

O pai Júlio e a mãe Maria aconselharam-se e decidiram mudar a família para uma casa maior em Pabianice, uma aldeia quase ao lodo de ZdunKa-Wola.

Arrendaram também um pouco de terra e cultivavam-na como horta para contribuir para o sustento da família.

Com inúmeros sacrifícios, depois de alguns anos, as condições económicas da família melhoraram. O pai Júlio conseguiu abrir uma pequena loja e alugar também uma pequena quinta. A mãe Maria trabalhava como parteira na aldeia, ajudava na loja e cuidava da casa.

Os rapazes, entretanto, estudavam frequentando as escolas elementares do lugar e davam uma ajuda na lida da casa. O pai fazia questão que eles crescessem saudáveis e robustos. Por isso, habituou-os a levantarem-se cedo, todas as manhãs, e, de Inverno, mandava-os correr descalços na neve.

Os pais preocupavam-se particularmente em confiar os filhos ao seu confessor e Director Espiritual, o Padre Vladimir Jakowki, para que recebessem uma formação cuidada e instrução religiosa. Até nisto os pais cristãos estão atentos, preocupando-se não só com o crescimento físico dos seus filhos, mas também e mais ainda, com o seu crescimento espiritual.

Infelizmente, é fácil preocupar-se muito com a saúde física dos filhos, com os seus estudos e com o seu lugar no mundo, descurando os interesses primordiais que são os da alma e da salvação eterna. Que responsabilidade, a dos pais!

O pequeno Raimundo

São Maximiliano fora baptizado com o nome de Raimundo. De pequeno, revelou um temperamento ardente e impetuoso. Não lhe faltava a vivacidade irrequieta dos rapazes mais vivos. Sabia fazer-se valer até à audácia e à ostentação. Numa palavra, era um rapazito muito vivaço... que a pouco e pouco ele transformará em açúcar e mel, de tal modo que mereceu um dia a alcunha de “*marmelada*” por causa da sua doçura e mansidão. O pequeno Raimundo devia muito, quer à educação severa recebida de pais esclarecidos, quer às condições de pobreza da família, que exigiam de todos sacrifícios de todo o género. A coisa verdadeiramente bela neste rapazinho era o empenho generoso no dar-se, no servir, no tornar-se útil. Quando a mãe estava fora, a trabalhar com o pai, o pequeno Raimundo fazia tudo em casa: varria, lavava, arrumava, aticava o lume, cozinhava... Generoso e empreendedor, descarregava, no sacrifício dos serviços domésticos, a carga de energia que fazia vibrar o seu corpo em crescimento.

A mãe deixou-nos algumas lembranças dele que formam um gracioso quadro: “*Era um rapaz muito vivo, desembaraçado e um pouco arreliador. Mas dos meus três filhos, era o mais obediente a nós, pais. Encontrei nele uma verdadeira ajuda, quando ficava a trabalhar com o meu marido. Raimundo tomava conta da cozinha, deixava a casa a brilhar, tratando de todos os assuntos*”.

Maroteiras e castigos

Um rapaz vivo que não faça maroteiras?... que de vez em quando não faça alguma?... Não existe.

O pequeno Raimundo, rapaz entre rapazes, distingua-se pelos dons de bondade e generosidade, mas tinha também os seus defeitos, que tinha de combater. Também ele tinha as suas escapadelas, o maroto! Mas sabia que devia corrigir-se e queria corrigir-se. E isto é um sinal excelente. Mas é um sinal comum a todos os rapazes bons e rectos. No pequeno Raimundo, pelo contrário, havia qualquer coisa mais, qualquer coisa fora do comum. Aquele rapazinho colocado frente a frente com a maroteira, não só se dispunha a aceitar o castigo, como chegava a exigi-lo!

Tal e qual. É bem difícil imaginar um rapazinho que depois dumha maroteira, pegue ele mesmo no bastão, o leve ao pai, lhe peça que o castigue, receba o castigo e agradeça! Parece impensável. Mas era realmente este o modo de se comportar do pequeno Raimundo. É a própria mãe quem o diz: “*Raimundo distingua-se dos irmãos até no receber o castigo, por qualquer leve escapadela. Pegava sempre no bastão do castigo e sem hesitar, deitava-se no banco e depois, recebido o castigo, agradecia-nos e imperturbável colocava o bastão no lugar!*”.

Quem não terá de aprender com a coragem dum rapaz assim?

Brincar com o pintainho

Uma maroteira simpática do pequeno Raimundo?

Ei-la:

Frequentava a casa dos colegas de escola e via que muitos deles tinham um animalzinho com o qual brincavam: um tinha um cachorrinho, outro um gatinho, outro um passarinho. Também o pequeno Raimundo ficaria muito contente se tivesse um animalzinho com quem brincar. Não por acaso, um dia escapou-se-lhe esta exclamação, entre os colegas: “*Quem me dera poder conversar com os passarinhos, como fazia S. Francisco*”.

Mas como é que eu ia arranjar um animalzinho?

Para comprar, era preciso dinheiro e ele não o tinha. Às escondidas, conseguiu, um dia, comprar um ovo e pô-lo a chocar no galinheiro duma família amiga. Deste modo, com uma pequeníssima despesa, teria um belo pintainho para acarinhar. Pequena ingenuidade deste rapaz com um coração tão delicado.

Mas quando a mãe soube do caso, é que foram elas! Gastar, só que fosse uma moedinha, inutilmente, era uma despesa para a família, que sobrevivia a custo. “*Raimundo, não sabes que cada moeda custa muito suor a ganhar?*”. O pequeno sofreu, mas compreendeu a preocupação justificada da mãe. Prometeu não tornar a fazer coisa semelhante. Sabia ser generoso ao sacrificar até estes desejos inocentes do seu coração tão sensível.

As duas coroas

Aconteceu um facto extraordinário na vida do jovem Raimundo. Foi o único episódio realmente excepcional, do qual todo o futuro deste rapaz extraírá significado e valor. À excepção da mãe, nunca ninguém soube nada daquele facto extraordinário. E foi a mãe, graças a Deus, que o revelou depois da heróica morte do seu santo filho. Eis a descrição do facto, numa carta que ela escreveu aos frades, a 12 de Outubro de 1941.

“Depois dum caso extraordinário ocorrido ao Pe. Maximiliano, durante a sua infância, eu sabia de antemão que ele morreria mártir. Só não me recordo se o facto sucedeu antes ou depois da sua confissão. Uma vez, houve uma coisa que me desagradou nele e disse-lhe: “*Raimundinho, o que será de ti?!*” Depois não pensei mais nisso, mas dei-me conta de que a criança mudara, de modo que o não reconhecia. Tinha um pequeno altar escondido, junto do qual se recolhia muitas vezes, sem se fazer notado, e rezava chorando. Em geral, mostrava-se acima da sua idade infantil, pelo comportamento, sendo sempre recolhido, sério, e quando rezava era sempre em lágrimas. Preocupava-me, não fosse ele estar doente, e por isso lhe pedi: - *Deves contar tudo à tua mãe.*

Tremendo de emoção e com lágrimas nos olhos, disse-me: - *Quando tu me ralhaste, rezei muito a Nossa Senhora para que me dissesse o que seria de mim. E em seguida, encontrando-me na Igreja, rezei-lhe novamente; então Nossa Senhora apareceu-me, tendo nas mãos, duas coroas: uma branca e uma vermelha. Olhava-me com carinho e perguntou-me se eu queria aquelas duas coroas. A branca significava que perseveraria na pureza e a vermelha que seria mártir. Respondi que aceitava... Então Nossa Senhora olhou-me docemente e desapareceu.*

A extraordinária mudança ocorrida no rapaz atestava, a meu ver, a verdade do sucedido. Estava sempre absorto naquilo, e, em todas as ocasiões, mostrava um rosto

radiante, quando era referida a sua desejada morte de mártir. E assim, eu estava preparada, como Nossa Senhora, depois da profecia de Simeão...”

Projectos ao contrário

Às vezes, nós homens, somos realmente estranhos; até quando somos bons, piedosos e inspirados.

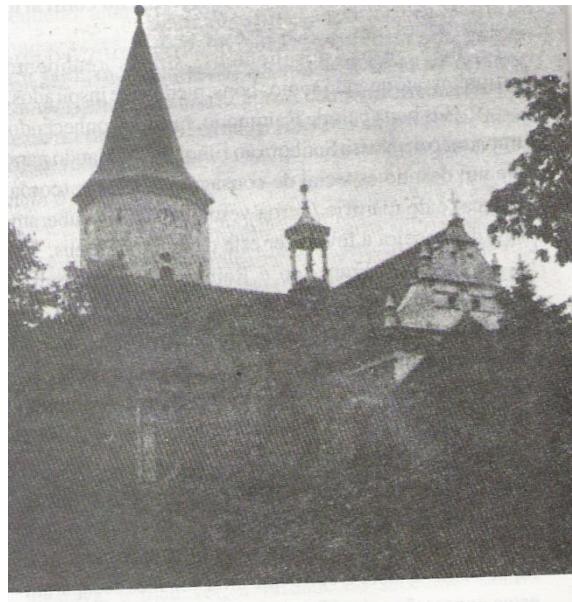
Os bons pais de Raimundo, mesmo conhecendo a aparição de Nossa Senhora ao filho, pressagiando para ele um destino especial de consagração a Deus (coroa branca) e de martírio (coroa vermelha), não souberam agir de maneira a favorecer este designo de Deus.

Quando Francisco e Raimundo terminaram a escola elementar, os pais tiveram de decidir do seu futuro e combinaram fazer continuar os estudos apenas ao primogénito, Francisco, com a esperança no Sacerdócio, que se concretizou. Quiseram que Raimundo ficasse em casa, para ajudar a mãe nas suas lidas e continuar a actividade do pai.

Por isso, Raimundo estava destinado a tornar-se um... comerciante! A verdade é que, no fundo, nem a mãe nem o pai acreditavam num tal futuro para este rapaz maravilhoso. É certo que uma vez lhes escaparam estas expressões significativas sobre o seu Raimundo:

“*Quando fores comerciante, serei eu rainha*”, disse a mãe; “*e eu serei bispo*”, acrescentou logo o pai.

Mas, entretanto, não podia fazer de outro modo porque em casa faltava o dinheiro necessário para mandar estudar mais de um filho; e entre os dois foi preferido Francisco, o primogénito.



Pabianice. Esta é a Igreja na qual Nossa Senhora apareceu ao pequeno Raimundo Kolbe, mostrando-lhe duas coroas, uma branca e uma vermelha e perguntando-lhe se as queria: o pequeno respondeu que sim e Nossa Senhora sorriu-lhe.

Quando subitamente...

Quando subitamente..., um dia Raimundo teve de ir à farmácia comprar um pó chamado “*Vençon graeca*”.

- Pode dar-me “*Vençon graeca*?” – pediu ele ao farmacêutico.

O farmacêutico ficou admirado ao ouvir a palavra “*Vençon graeca*” na boca daquele rapaz e perguntou-lhe: - Onde aprendeste que se chama *Vençon graeca*?

- *Sei que é um nome latino, porque estudei latim com o meu irmão Francisco.*

- Mas que escola frequentas?

- *Eu já não vou à escola: não posso ir. Somos pobres e os meus pais decidiram mandar, para a escola, só o meu irmão mais velho, Francisco, que continuará para o Sacerdócio.*

- E então, tu?

- *Eu ajudo os meus pais trabalhando em casa.*

- Mas é um crime não te deixarem continuar os estudos! – exclamou o farmacêutico. Depois, permaneceu alguns instantes absorto. Em seguida, disse a Raimundo:

Escuta, rapaz: vem a minha casa todos os dias; ensinar-te-ei eu mesmo, de graça; preparar-te-ei e farás os exames com o teu irmão, no fim do ano escolar.

Imagine-se a alegria de Raimundo com aquela proposta inesperada! Abria-se-lhe, de repente, aquela estrada que parecia já fechada nos seus sonhos. Comunicou a notícia em casa com grande regozijo e começou a ter lições com o providencial farmacêutico.

Estudou com toda a energia e, nos exames oficiais, ficou aprovado tal como o seu irmão Francisco.

Em Leopoli: no seminário

Uma noite na Igreja. É tempo de Missão em toda a província. Está a pregar o P. Pellegrino Haczela, um frade menor conventual. Sentados um ao lado do outro, com propósito e atentos às palavras do pregador, estão os dois irmãos Francisco e Raimundo.

A certa altura, a atenção dos dois rapazes torna-se intensa, maravilhada, alegre... O padre missionário está a dizer que na sua cidade de Leopoli abriu um Seminário para os rapazes que se quiserem consagrar a Jesus na Ordem de S. Francisco. Logo depois de acabada a pregação, os dois irmãos vão ter com o Padre Missionário à sacristia. Falam com ele, exprimem o seu desejo de se consagrar a Deus como S. Francisco e pedem-lhe que os acolha no novo seminário de Leopoli.

Não foi fácil obter o consentimento dos pais, por causa de Leopoli ser longe; era a capital da Galizia; mas, por fim, até eles consentiram. E assim, em Outubro de 1907, os dois rapazes puderam, finalmente, entrar no novo Seminário franciscano.

Para Raimundo, uma visão começa a materializar-se, um sonho a realizar-se. Nossa Senhora abria-lhe caminho e conduzia-o à meta das duas coroas.

Uma tentação má

No Seminário novo de Leopoli, o vivaz e bom Raimundo, junto com o irmão Francisco, singrava sereno e seguro nos estudos médios.

Nesta altura, devia fazer-se o pedido para receber o hábito de S. Francisco e iniciar o noviciado. Tudo estava para se desenrolar normalmente. Quando apareceu o tentador! O demónio, sempre alerta, pressentiu o momento propício e “mãos à obra” para perturbar aquela alma pura e ardente. Se calhar, antevia o grande apóstolo do futuro, naquele adolescente tão sério e empenhado espiritualmente. O que é verdade é que conseguiu colocar, na mente de Raimundo, estranhos raciocínios, tais como este: “Se queres conquistar as duas coroas prometidas por Nossa Senhora, em vez de permaneceres no Seminário, deves sair imediatamente e seguir a carreira militar, de modo a combater e morrer pela Rainha Celeste; merecendo, deste modo, seres coroado por Ela”.

A sugestão diabólica conseguiu penetrar no espírito de Raimundo, de tal forma que, na véspera do dia decisivo para a tomada de hábito religioso, decidiu-se a não pedir o hábito e a ir-se embora, esforçando-se, por todos os meios, por convencer o seu irmão Francisco para que também ele abandonasse o propósito de pedir o santo hábito.

A mãe salva o filho

A Mãe Celeste velava sobre o seu filho predilecto e, para o libertar da sugestão diabólica, serviu-se da mãe terra, também ela sempre primorosa pela vocação dos seus filhos, como todas as mães de Raimundo sentiu-se impelida a visitar os dois filhos e chegou ao Seminário no momento crucial. Mesmo na altura em que Raimundo e Francisco iam ao encontro do Padre Provincial para lhe dizer que já não pensavam em pedir o hábito religioso, a mãe tocava a campainha da porta do Seminário e os dois irmãos foram mandados ter com ela imediatamente.

Muitos anos depois, o próprio S. Maximiliano escrevia: “*Como poderei esquecer o momento em que eu e Francisco estávamos prestes a apresentarmo-nos ao Padre Provincial para lhe dizermos que não queríamos entrar na Ordem e ouvimos a campainha do Locutório?*

A providência, na sua infinita misericórdia, por meio da Imaculada, mandou a nossa mãe naquele momento crítico.

O encontro com a boa mãe, as santas palavras, que ela soube dizer, dissiparam a sugestão diabólica, serenando-os a pedir com entusiasmo o hábito do Pai Seráfico.



Frei Maximiliano Maria

A 4 de Setembro de 1910, aos pés do altar da Imaculada, Raimundo Kolbe torna-se o jovem frade de dezasseis anos, chamado a partir daquele momento, frei Maximiliano Maria.

Foi-lhe posto um nome de guerreiros audazes e de soberanos gloriosíssimos. Os superiores anteviram para ele qualquer coisa de excepcional, e frei Maximiliano sentiu-se de imediato vigorosamente empenhado em viver a sua vocação franciscana em toda a sua força e beleza.

O ano de noviciado transcorreu tranquilo no empenho de oração, de estudo e de trabalho quotidiano, no exercício das virtudes religiosas, no conhecimento e na prática da vida franciscana, que é vida comunitária de amor vivida em oração, pobreza e penitência. Frei Maximiliano teve diversas provas; a certa altura sofreu até escrúulos; mas a docilidade na obediência aos Superiores e o encontro providencial com um frade verdadeiramente santo, o P. Venzanzio Katarzyniec curaram-no rapidamente deste tormento do espírito. No final do ano de noviciado, a 5 de Setembro de 1911, frei Maximiliano Maria consagrou-se a Deus com os votos de obediência, pobreza e castidade, prometendo observar fielmente a Regra de S. Francisco de Assis.

JUVENTUDE ARDENTE

Na cidade eterna

Logo depois do noviciado, frei Maximiliano foi enviado para o seminário seráfico de Cracóvia para continuar os estudos liceais. Depois dum só ano de estudo, um dia, o Pe. Provincial chamou-o e apresentou-lhe a seguinte escolha: “Preferes continuar os estudos aqui na Polónia ou em Roma no Colégio Internacional, para conseguires a licenciatura em filosofia e teologia?”

“*Por causa da minha saúde um tanto delicada – respondeu frei Maximiliano – preferia estudar na Polónia, em vez de enfrentar estudos difíceis de licenciatura nas Faculdades romanas*”.

Existia também um outro motivo secreto que o fez renunciar à escolha de ir para Roma: o motivo da defesa ciosa daquela “coroa branca” prometida por Nossa Senhora. Ele temia pela sua pureza virginal. Porque? Porque Roma, infelizmente, tinha má fama entre os frades polacos. Falava-se de corrupção e de imoralidade pública. Eram exageros. Mas frei Maximiliano preferia o ambiente mais seguro da modesta Cracóvia.

O P. Provincial tentou convencê-lo a não recusar Roma. Mas não conseguiu. E por isso, apagou o nome dele da lista dos frades destinados à Cidade Eterna.

Contudo, um dia depois, eis frei Maximiliano de novo diante do seu P. Provincial. O remorso de não ter deixado aos Superiores a escolha tinha-lhe perturbado a tranquilidade interior. Disse ao P. Provincial: *Padre, ontem exprimi-lhe o meu desejo pessoal e estou arrependido. Agora peço-lhe: faça de mim o que quiser, pois eu quero apenas obedecer*”.

“Pois bem, irás para Roma” – conclui soridente o P. Provincial e acrescentou de novo o nome de frei Maximiliano à lista dos outros nomes.



Um Santo no colégio

Não passou muito tempo e frei Maximiliano edificou todo o colégio Internacional com a sua excepcional bondade unida a uma inteligência fora do comum.

Basta dizer que o reitor do colégio de Roma, o Pe. Estêvão Ignudi, definiu São Maximiliano de “*jovem santo*”, como escreveu no registo do colégio.

São Maximiliano foi para os confrades um verdadeiro modelo de edificação.

“Era realmente um santo no sentido exacto do termo”, diz um dos seus colegas de colégio e de estudos. E acrescentou: “Era humilde e calmo em tudo e com todos... Cumpridor rigoroso até nos mínimos detalhes das Regras, no primeiro sinal do Superior ou da sineta do mosteiro, impunha-se imediatamente silêncio, reduzia as palavras a metade... Quanto à piedade dele, o amor a Jesus Sacramentado tocava as fibras íntimas do seu coração. Inscrevera-se na adoração perpétua... Visitava o Santíssimo a toda a hora... A devoção que tinha a Nossa Senhora era sincera e filial. Durante o passeio exortava-me a rezar com ele o Terço e outras orações... Fazia o mesmo muitas vezes nos tempos livres, quando nos encontrávamos no pátio do colégio. A Nossa Senhora ele dava sempre o doce nome de minha Mãe... Nunca em toda a minha vida encontrei entre os vivos uma pessoa que tenha amado Nossa Senhora mais que o Pe. Maximiliano. Era um verdadeiro filho de Maria Santíssima”.

“*Jovem santo*” e “*verdadeiro filho de Maria Santíssima*”; dois juízos que forjam em beleza São Maximiliano em Roma.



Muito bom na escola

Este jovem frade, de estatura média, cabelos escuros, olhos claros e cara sorridente, tinha também uma inteligência perspicaz e aberta, com pronunciada tendência para as ciências exactas.

Ao Pe. Gianfranceschi, cientista e professor da Universidade gregoriana, nomeado depois Director da Rádio Vaticano, foi apresentado o projecto duma Aeronave, da autoria de S. Maximiliano. O Pe. Gianfranceschi examinou-o e achou-o cientificamente exacto, apesar de muito caro no tocante às despesas de realização.

Reflectido e perspicaz, frei Maximiliano queria ir ao fundo das questões em todas as matérias de estudo, causando às vezes embaraço aos próprios professores.

De facto, uma vez, o professor de Direito chegou a dizer: “Este jovem apresenta-me problemas aos quais não sei responder”.

Também no estudo frei Maximiliano era generoso para com todos: uma vez que conseguia facilmente transcrever as lições dadas pelos professores, passava-as depois aos confrades menos capazes; especialmente em preparação para os exames.

A 22 de Outubro de 1915, frei Maximiliano licenciou-se em filosofia pela Universidade Gregoriana; e entretanto frequentava os cursos de Teologia na Faculdade teológica do Colégio Internacional, maturando cada vez mais para a grande missão a desempenhar na terra como sacerdote e apóstolo da Imaculada.

O dedo miraculado

Um dia frei Maximiliano deu-se conta duma infecção má no dedo indicador da mão direita, que deitava abundante pus. O médico examinou atentamente o dedo e disse que só havia uma coisa a fazer: amputar o dedo o mais rápido possível, no dia seguinte.

Foi um golpe terrível para frei Maximiliano. A amputação do indicador direito podia impedir-lhe até a ordenação sacerdotal, já que se tratava dum dedo indispensável para a celebração da S. Missa.

Frei Maximiliano estava desolado, mas abandonou-se nas mãos de Deus. O Pe. Reitor foivê-lo à noite; encontrou-o sereno e contou-lhe que também a ele, quando era rapaz, lhe sucedera um caso do género. Um abcesso no pé fazia-o gritar de dor. O médico marcou a amputação para a manhã seguinte. Entretanto, a mãe, cheia de fé, pegou em água de Lourdes e molhou nela um lenço que colocou sobre o abcesso. Na manhã seguinte, quando o médico viu o lenço com água de Lourdes, criticou com dureza as superstições religiosas. Era um perfeito ateu. Mas quando retirou o lenço do pé e se deu conta que estava curado, ficou confuso e humilhado. Converteu-se e mandou construir uma Igreja à sua custa.

“Não te digo mais nada” – concluiu o Pe. Reitor. Tirou do bolso um frasco com água de Lourdes e colocou-o sobre a mesinha.

Quando o médico chegou de manhã para amputar o dedo, frei Maximiliano disse-lhe: “*Doutor, se calhar encontrei um medicamento capaz de curar sem amputação. Está ali, naquele frasco sobre a mesa. Quer fazer o favor de me aplicar?*”

O médico era um bom cristão. Compreendeu e consentiu naquele acto de fé de frei Maximiliano; preparou-lhe a compressa com a água de Lourdes e aplicou-lha no dedo.

No dia seguinte, também o médico estava curioso para saber como agira aquela medicação singular. E ficou também ele estupefacto; não era preciso nenhuma amputação, o dedo estava salvo! A Imaculada providenciara sensivelmente à necessidade deste seu filho predilecto.

Contra a Maçonaria

Frei Maximiliano viu em Roma as coisas mais belas e as coisas piores. Viu o S. Padre, as Basílicas, as catacumbas, as antiguidades romanas, os tesouros de arte imortal de que está repleta a Cidade eterna.

Mas viu também o mundanismo e a vaidade dominantes; viu sobretudo os espetáculos clamorosos e os sacrilégios que a maçonaria organizava estão contra a Igreja e o Vigário de Cristo.

Ficou encantado com as coisas belas, sobretudo com a figura do Sumo Pontífice do qual falava muitas vezes nas suas cartas com entusiasmo e estima comoventes: mas ficou entristecido e chocado com a impiedade dos inimigos de Cristo e da Igreja.

Em 1917 comemorava-se o segundo centenário da maçonaria: Frei Maximiliano veio a saber da impiedade dos cortejos sacrílegos organizados pelos maçónicos contra o Papa nas ruas de Roma e na praça de S. Pedro. Sobre os estandartes negros, aparecia a figura de S. Miguel Arcanjo sob os pés de Lúcifer, com a inscrição: “Satanás reinara no Vaticano”. Os verdadeiros maçónicos são os verdadeiros partidários de Satanás. O triste espetáculo fez sangrar e estremecer o coração de Frei Maximiliano. E foi então que ele escreveu: “*Será possível que os nossos inimigos se apliquem tanto a ponto de terem a preponderância e nós permaneçamos sem fazer nada, sem ao menos rezarmos, sem nos empenharmos a agir? Não temos, porventura armas mais poderosas, a protecção do Céu e da Virgem Imaculada?... A vencedora “sem mácula” e debeladora de todas as heresias, não cederá campo ao inimigo que reergue a cerviz: se encontrar servos fieis, dóceis ao seu comando, fará novas vítimas, mais do que consigamos imaginar...*”

Outra vez, depois de ter ouvido a meditação do Pe. Reitor sobre a conversão do judeu Afonso Ratisbonna por meio da Medalha Milagrosa e com a aparição da Santíssima Virgem na Igreja de S. Andrea delle Frate, Frei Maximiliano confiou a um confrade cheio de alegria e entusiasmo: “*Agora temos mesmo de rezar a Nossa Senhora para que esmague o demónio e todas as heresias, especialmente os maçónicos...*”

A Milícia da Imaculada

Foi assim que nasceu a Milícia da Imaculada (com a sigla M. I.). Na oração mais intensa e sofrida, Frei Maximiliano amadureceu um projecto de luta contra os inimigos da S. Igreja, sob o comando da Rainha Universal, da guerreira Invencível: a Virgem Imaculada, Aquela que Deus vaticinou como vitoriosa com o Filho sobre a serpente infernal: “*Esmagar-te-á a Cabeça*” (Gen. 3, 15).

A Milícia da Imaculada devia ser um exército de almas consagradas à Imaculada como sua “*propriedade*” e como verdadeiros “*instrumentos dóceis*”, empenhados na luta pela própria santificação e pela conversão dos inimigos da S. Igreja, particularmente os maçónicos, que são inimigos infernais de Cristo e da Igreja. Estas almas consagradas à Imaculada, homens, mulheres, jovens, rapazes estão organizados em três grupos que formam os três graus da Milícia.

1.^º grau: o grupo de quem se consagra à Imaculada, comprometendo-se a amá-La e a fazer um apostolado *individual* para A fazer amada por outros.

2.^º grau: o grupo dos consagrados que se compromete a desenvolver um apostolado mariano não só individual, mas também *organizado*, num círculo, associação ou centro M. I. com estatuto próprio.

3.^º grau: o grupo dos consagrados que se dão à Imaculada incondicionalmente, colocando-se à Sua disposição com todas as energias, por todos os meios, sem reserva, até à imolação completa.

Frei Maximiliano proporá a todas estas almas os cumes mais vertiginosos do amor à Imaculada impelido até à “*transsubstanciação n’Ela*”.



Eis S. Maximiliano à mesa de trabalho pela Causa da Imaculada. Era incansável e admirável. A quem lhe dizia que fosse mais moderado para descansar um pouco, ele respondia:
“Descansarei no Paraíso”

16 de Outubro de 1917

Na noite 16 de Outubro de 1917, nas primeiras vésperas da festa de Sta. Margarida Maria Alacoque, frei Maximiliano e outros seis confrades instituíram o primeiro grupo deste novo exército mariano. Três dias antes, Nossa Senhora, em Fátima, aparecendo a três humildes pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, tinha pedido almas que se consagrasssem à penitência e à oração pela conversão dos pecadores e pela salvação do mundo.

A fundação da Milícia da Imaculada foi a primeira resposta de amor dada a Nossa Senhora por frei Maximiliano e pelos seis confrades. Naquela noite de 16 de Outubro, portanto no Colégio Internacional em Roma, frei Maximiliano fez a primeira reunião com os seis confrades. Eram três sacerdotes e três estudantes de teologia. Os nomes dos outros seis eram Pe. José Pal, romeno; Pe. Quirico Pignalberi; Pe. António Glowinski; Frei António Mansi; Frei Henrique Granata; Frei Jerónimo Biasi.

“A reunião tem lugar de noite - escreve o próprio S. Maximiliano – em segredo, à porta fechada, numa cela interna. Tínhamos de frente uma imagem da Imaculada com duas velas acesas... ”. São Maximiliano lê numa pequena folha o programa da Milícia traçado por ele próprio e todos os sete confrades o assinam. Na folha estava escrito:

“Milícia da Imaculada”.

“Ela esmagar-te-á a cabeça”. (*Gen. 3,15*).

“Sozinha venceste todas as heresias no mundo inteiro”.

- I) Propósito: Procurar a conversão dos pecadores, dos heréticos, dos cismáticos, dos judeus, etc., e especialmente dos maçónicos; e a santificação de todos sob a protecção e por meio da Santíssima Virgem Maria Imaculada.
- II) Condições: 1) Oferta total de si mesmo à Santíssima Virgem Maria Imaculada, como instrumento nas suas mãos imaculadas. 2) Trazer a Medalha Milagrosa.

III) Meios: 1) Se possível, rezar à Imaculada uma vez por dia com a jaculatória: *Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós, e por todos aqueles que a Vós não recorrem, e especialmente pelos maçónicos*". 2) Usar todos os meios legítimos, segundo as possibilidades nos diversos estados, condições e ocasiões; isto confia-se ao zelo e à prudência de cada um. Recomenda-se especialmente o uso da *Medalha Milagrosa*".

"Já basta, rapazinho!"

Entretanto, o zelo de frei Maximiliano pela salvação das almas manifestava-se vivo e operante. Não deixava passar nenhuma ocasião sem agir e quando podia, tomava ele mesmo a iniciativa para fazer o bem.

Eis alguns episódios, breves mas significativos.

Uma vez, em viagem, encontrou-se no comboio, sentado de frente para um senhor que falava abertamente contra a Religião, contra o Papa.

Frei Maximiliano não se podia calar. Começou a responder taca a taca. O diálogo aqueceu e tornou-se quase um duelo, no qual aquele senhor perdia terreno pouco a pouco.

A certa altura, encurrulado, o tal senhor disparou contra frei Maximiliano: - Ora, já basta, rapazinho! Tu não sabes quem eu sou: sou doutor em filosofia.

- *Se é por isso* – ripostou de súbito frei Maximiliano – *também eu sou doutor em filosofia*.

Esta resposta fez compreender àquele senhor com quem estava a falar e a discussão pôde continuar mais calma. No final, ficou pensativo reflectindo na força dos raciocínios de frei Maximiliano em defesa da Religião, da Igreja e do Papado.

No Palácio Verde

"Um dia – conta o Padre José Pal – propus-me acompanhá-lo ao Palácio Verde, em Roma, para converter o Grão-Mestre da Maçonaria italiana e os outros maçónicos.

Assegurei-lhe que se o reitor lhe desse autorização, o acompanharia.

Depois do almoço, durante o recreio, foi falar com o padre Ignudi e manifestou-lhe o seu propósito. Voltou ao pátio, onde eu o esperava, e contou-me um pouco confuso mas resignado, que o padre reitor lhe tinha dito que, de momento, aquele passo não era oportuno; era melhor rezar com ele pede conversão deles".

Neste pequeno episódio divisamos a audácia do jovem apóstolo que se sente forte com a força da Imaculada, para afrontar a fera na sua toca; admiramos a sua submissão humilde à vontade do superior que o aconselha de momento a rezar; louvamos a sua pronta execução daquele conselho, pondo-se imediatamente a rezar pelos maçónicos.

Com lágrimas nos olhos

Eis um outro episódio do jovem apóstolo enamorado de Nossa Senhora.

“Durante a novena preparativa para a festa da Imaculada – é ainda o seu confrade P. Pal que o refere - quando voltávamos ambos dos Santos Apóstolos ao Colégio, encontrámo-nos com três ou quatro tratantes que, voltando a casa, do trabalho, blasfemavam contra Nossa Senhora.

Frei Maximiliano deixou-me no meio da rua e correu a afrontá-los, perguntando-lhes com lágrimas nos olhos, porque razão blasfemavam contra a Virgem Santíssima.

Tentei em vão convencê-lo a que não lhes desse atenção. Ele não me deu ouvidos e tanto fez, sempre a chorar, que finalmente os homens lhe pediram desculpa, dizendo que o faziam por hábito, só para descarregar a raiva que tinham no sistema. E ele então não os deixou senão quando conseguiu acalmar-lhes aquela raiva que os consumia”.

“Instrumentos dóceis”

O coração deste jovem era ardente. O ideal da Imaculada, vencedora de Satanás, exaltava-o. A observação das misérias espirituais e morais que devastavam as almas impelia-o a não perder tempo, a servir-se de todos os meios e tentar todas as vias, até à audácia, para libertar as almas da “*concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba da vida*”(Jo. 2, 16).

A audácia dele, de resto, apoiava-se apenas na omnipotência da Imaculada, ser seu “*instrumento dócil*” e a Invencível Guerreira desbarataria os “*filhos deste mundo* (Lc. 16,8) e “*as obras das trevas*” (Rom. 13,12).

“*Nossa Senhora não precisa de nós – dizia o Santo - mas digna-Se servir-Se de nós para nos dar o mérito e para tornar mais maravilhosa a vitória com pessoas simples e com meios, segundo o mundo, tão inadaptados, que até as suas armas espirituais são escarnecididas e desprezadas.*

É preciso que nós nos coloquemos como instrumentos dóceis nas suas mãos, utilizando todos os meios lícitos, insinuando-nos com a palavra, com a difusão da imprensa mariana e da Medalha Milagrosa, valorizando a acção com a oração e com o bom exemplo.

Por isso os meios do apostolado mariano serão: inscrever-se na santa Milícia com a intenção de militar sob a bandeira da Imaculada, trazer como distintivo a Medalha Milagrosa, tornando quotidiana entre os militantes a jaculatória na qual, enquanto se implora a protecção de Nossa Senhora sobre nós, se pede particularmente a conversão dos maçónicos que são os inimigos maiores e mais furiosos da Igreja”.

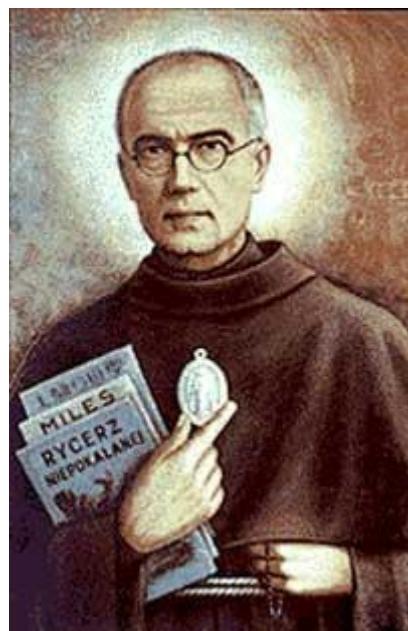
E ele foi o primeiro modelo em tudo isto. Foi realmente um “*instrumento dócil*” entre as mãos da Imaculada, atento para não perder nenhuma oportunidade de agir, especialmente pela oração e o bom exemplo. De jovem clérigo ou de sacerdote amadurecido, foi sempre fácilvê-lo rezar o Santo Terço nas ruas de Roma ou de Varsóvia, nos comboios ou nos barcos, nas alamedas do Colégio ou nos corredores de NiepoKalanow. Devia ter uma estima imensa no valor do Terço, pela salvação das almas, se ele mesmo escreve esta breve máxima:

“*Quantos terços, tantas almas salvas*”. Como é reconfortante para quem ama o Santo Rosário!

Por outro lado, andava sempre com os bolsos fornecidos de medalhas milagrosas, que chamava de “*projécteis*” e pequenas “*minas*” para abrir alguma brecha nos

corações dos homens; e sabia esforçar-se de tantos modos para as deixar aqui e acolá nos lugares mais adaptados a que outros lhes pegassem.

Em resumo, S. Maximiliano foi o perfeito exemplo do instrumento verdadeiramente dócil, sem reservas nem limites.



APÓSTOLO “LOUCO PELA IMACULADA”

Sacerdote de Maria

Também para frei Maximiliano se aproximou a realidade do sonho mais belo dum rapaz que entra no Seminário: tornar-se Sacerdote, subir ao altar, renovar o Sacrifício da Cruz, fazer descer Jesus às próprias mãos distribuí-lo às almas.

A 28 de Abril de 1918 frei Maximiliano foi sagrado Sacerdote. No dia seguinte celebrou a primeira Missa na Basílica de S. Andrea delle Frate, no altar do milagre, sobre o qual teve lugar a aparição de Maria Santíssima ao judeu Afonso Ratisbonna, que se converteu de imediato.

S. Maximiliano, no altar de Nossa Senhora, representa, ao vivo, o modelo do *Sacerdote de Maria*. Podemos contemplá-los: Nossa Senhora e São Maximiliano, a Mãe de Jesus e o Sacerdote identificado com Jesus Sacerdote. Com que coração não o terá Nossa Senhora amado e assistido naquela primeira celebração? E com que coração não terá S. Maximiliano amado e glorificado a Rainha, a Mediadora, a Mãe Imaculada do seu Sacerdócio?

Em Jesus, todo o sacerdote deve e pode tornar-se Sacerdote de Maria, na medida em que deixa Jesus inundar coração e mente com o seu celeste amor pela Divina Mãe.

Como não pensar que São Maximiliano se tenha deixado invadir e dominar inteiramente por Jesus para poder amar a Mãe Divina com o mesmo amor sacerdotal de Jesus para com Ela?

Amor à Eucaristia

O apego de São Maximiliano ao altar e a sua ilimitada devoção à Eucaristia serão sempre um grande exemplo para todas as almas que querem amar apaixonadamente Jesus Eucarístico; especialmente para os Sacerdotes.

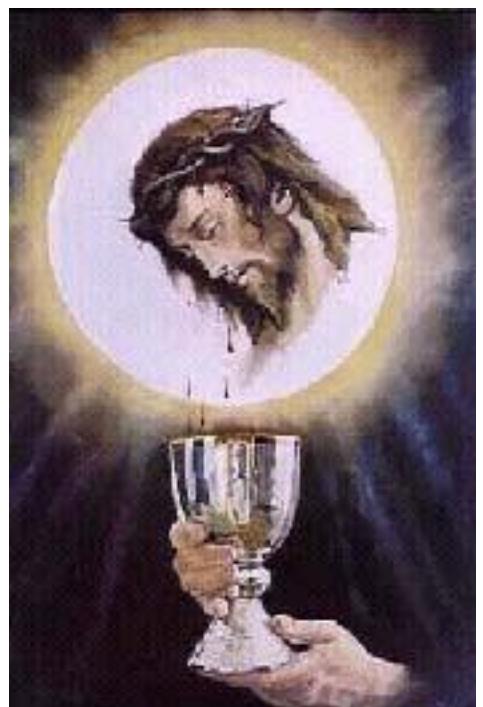
S. Maximiliano celebrava a Santa Missa com tal devoção, que por vezes quem o não conhecia, depois de ter assistido à sua Santa Missa, procurava informar-se quem era aquele Sacerdote que no altar inspirava tanto fervor.

E como era fiel à celebração da Santa Missa! Cansado ou exausto, doente ou com dores, não queria nunca deixar de realizar este supremo Sacrifício de amor. Para não ficar sem a celebração da S. Missa, às vezes chegou a celebrar apoiado a dois confrades, porque não podia sustentar nem voltar-se sozinho no altar.

Era tão fácil encontrá-lo aos pés do altar! Até ser um jovem clérigo fazia em média dez visitas eucarísticas por dia e mesmo de noite.

A adoração eucarística perpétua foi uma das principais preocupações dele para as suas *Cidades da Imaculada*. Quantas tribulações não passou no Japão, para ter de imediatamente a capela com o Santíssimo na sua casa, que o Bispo considerava em muito más condições! E àquele visitante que admirava, surpreso, as obras imponentes de NiepoKalanow, quando chegou à grande Capela, S. Maximiliano indicando o Santíssimo Sacramento disse “*toda a vida de NiepoKalanow depende daqui*”.

Que dizer da sua necessidade de se alimentar espiritualmente da Eucaristia? Basta dizer que tinha feito seu, o propósito de S. Francisco de Sales: fazer uma comunhão espiritual *em cada quarto de hora*. Este contínuo nutrir o seu coração de Jesus Eucaristia não nos faz pensar no Coração de Nossa Senhora sempre unido, inseparável de Jesus, a sua Vida, o seu Amor, o seu Todo adorado?



Modelo de Sacerdote, hoje

A Beatificação do Pe. Maximiliano M. Kolbe teve lugar a 17 de Outubro de 1971, enquanto se celebrava em Roma o terceiro Sínodo geral dos Bispos.

Na carta colectiva emitida pelo episcopado polaco depois do encerramento do Sínodo, entre outras coisas está escrito:

“Foi providencial para o Sínodo a beatificação dum sacerdote polaco, o Pe. Maximiliano Maria Kolbe…

Mesmo na altura em que estávamos para chegar à conclusão das nossas reflexões sobre o Sacerdócio, o Santo Padre Paulo VI quis mostrar, na Basílica, um *modelo de sacerdote moderno*... Não chega, de facto, falar de sacerdócio; é preciso indicar um modelo para hoje. Isto foi tão eloquente que os bispos agradecem ao Santo Padre... Um dos delegados do Presidente da Câmara (o Cardeal Duval), afirmou que esta beatificação teve uma importância maior que tudo quanto tinha sido dito na aula sinodal sobre o ministério sacerdotal”.

São Maximiliano deu-se à Imaculada, colocou-se entre as suas mãos puríssimas; e a Imaculada, fez dele o sacerdote modelo. Sobre ele podem modelar-se todos os sacerdotes, de modo a tornarem-se gigantes de amor, de zelo, de sacrifício, de imolação, desde que também eles se coloquem inteiramente entre as mãos e no Coração da Imaculada que é a Mãe do Sumo e Eterno Sacerdote, Jesus.



Regresso à Polónia

Depois de ter conseguido a licenciatura de Teologia junto da Faculdade Pontifícia da Ordem, a 22 de Junho de 1919, São Maximiliano voltou de imediato à Pátria, à sua Polónia, que naquele tempo era atormentada pela miséria e pela fome, ao ponto de um quilo de toucinho custar tanto como uma casa!

São Maximiliano foi mandado pelos superiores para um convento de Cracóvia para ensinar. Foi professor de filosofia no estudantado dos frades e de história eclesiástica no Seminário superior.

Exemplar e cheio de mansidão, S. Maximiliano iniciou o ensino com todo o empenho, enquanto na alma lhe ferviam já vastos projectos de trabalho e de apostolado para dar vida à Milícia da Imaculada, na sua amada terra.

Começou a falar, em privado e em público. Os seus discursos diziam sempre respeito, infalivelmente, à Imaculada. Esforçava-se por ilustrar a necessidade de se fazerem instrumentos da Imaculada para serem santificados por Ela e para poderem santificar os outros.

Rezava muito. Recitava muitas vezes a jaculatória “*Oh Maria concebida sem pecado...*” Distribuída por toda a parte a Medalha Milagrosa.

Em resumo, S. Maximiliano não estava nem calado nem quieto.



“Três meses de vida”

Mas a saúde revelou bem depressa os sinais daquele mal terrível que lhe minava o organismo: a tuberculose.

O mal estava já tão avançado que os médicos lhe deram no máximo “três meses de vida”, como testemunhou um seu confrade.

Continuaram os acessos de tosse e a voz débil. Respiração fraca e o rosto pálido. Movimentos sempre lentos e comedidos, para evitar o perigo dum gesto brusco provocar expectorações de sangue. Assim vivia o nosso Santo.

Depois de alguns meses, os superiores retiraram-lhe o ensino e confiaram-lhe o ministério da confissão com um pouco de pregação. Mas não pôde aguentar muito tempo nem sequer estas tarefas. Até as confissões e as breves prédicas lhe faziam perder o fôlego. Não podia sequer sustentar-se, tendo também presente que a fome negra daquele triste período pesava dolorosamente também sobre ele.

Mas o sofrimento maior para o Santo não era a tuberculose. Era outro. Era a desilusão amarga ela atmosfera de indiferença e de sarcasmo que encontrou entre os confrades no respeitante à Milícia.

Erguer de ombros, risadas irónicas, chamarem-lhe nomes, escárnios, zombarias... eram estes os primeiros frutos de reacção aos discursos do Santo sobre a Milícia da Imaculada.

Parecia que também os seus ardentes projectos de apostolado mariano iam ter apenas “três meses de Vida”.

Mas a oração e o sacrifício não são nunca estéreis.

7 de Outubro de 1919

A festa de Nossa Senhora do Rosário trouxe a S. Maximiliano uma doce surpresa, esperada há muito.

“Esta noite, durante o recreio, seis irmãos clérigos, com o professor deles, o Padre Keller, assinaram os seus nomes no livro que servirá à inscrição na Milícia da Imaculada. Minha Mãezinha, não sei onde queremos chegar com esta empresa, mas dignai-Vos servir-Vos de mim e de todos nós como quiserdes, para a maior glória de Deus. Sou teu, minha Mãezinha Imaculada... ”.

Foi o começo. Foi uma missa em movimento que não acabará nunca. Começou a organizar reuniões e conferências, as bases dos círculos surgiram rapidamente nos bairros e nos pensionatos, entre os estudantes e no quartel.

“A Milícia da Imaculada – disse ele – é um movimento que deve arrastar as massas, despegá-las de Satanás”. E nós “não temos o direito de descansar até não haver nenhuma alma sob o domínio de Satanás”. A palavra de ordem da Milícia é: “aperfeiçoar o homem para a glória de Deus”; a sua vitória é a “salvação das almas”

Imaginem a alegria de S. Maximiliano ao ver o início e o desenvolvimento rápido da sua acção apostólica de conquista de almas através da Imaculada.

Sofrimentos, incompreensões, oposições e perseguições serviam de desaterro para a edificação da casa da Milícia da Imaculada. Ele próprio disse uma vez aos clérigos: “Às vezes as nossas melhores intenções... são mal interpretadas; às vezes trazem-nos também calúnias. Estas perseguições não nos vêm somente dos nossos inimigos, mas também das pessoas boas, piedosas, talvez até santas e se calhar inscritas nas próprias fileiras da “Milícia da Imaculada”. Não há dor maior que ver como estas pessoas nos barram todas as estradas com a intenção de glorificar Deus; como se esforçam por afastar as almas... ”.

As obras de Deus desenvolvem-se assim. São uma parcela de Encarnação que acontece e continua a acontecer na pobreza, no abandono, na luta e na perseguição.



S. Maximiliano regressa de uma das suas viagens intercontinentais. Pela Imaculada, ele caminhava, viajava, navegava, andava de avião. Não hesitou em ir à China e à Índia, à Síria e à Turquia. Por Ela.

O cavaleiro da Imaculada

O número de inscritos na Milícia da Imaculada aumentava e alargava-se cada vez mais.

Uma preocupação começou a tornar S. Maximiliano pensativo: é necessário encontrar um meio de ligação com cada um, individualmente, e com os grupos, alimentar o ideal e conservar a unidade entre todos. Chegar a todos e do modo mais solícito. Mas por que meio? S. Francisco de Assis serviu-se da palavra e também do navio para ir ao Oriente e levar a mensagem evangélica. Além da palavra pregada e dos navios, no tempo de S. Maximiliano, existia também a palavra impressa, a palavra rádio – transmitida, a palavra por imagem (cinema – TV) e podiam usar-se meios de transporte mais numerosos e mais rápidos (automóveis, comboios, aviões).

Ele, apóstolo, verdadeiro apóstolo, não rejeita nada e utiliza tudo quando se trata de difundir o Reino de Deus.

Nesta rampa de lançamento, S. Maximiliano decide servir-se de todos os meios, iniciando com o meio de apostolado mais simples e mais à mão: um *jornal mariano* para todos.

Ele próprio escrevera estas palavras em determinada altura: “é preciso inundar a terra com um dilúvio de imprensa cristã e mariana, em todas as línguas e contra todas as manifestações de erro que encontrou na imprensa a sua aliada mais poderosa: envolver o mundo com papel escrito, com palavras de vida, para tornar a dar ao mundo a alegria de viver...”

Tinha já pronto o título do seu jornal: “*O Cavaleiro da Imaculada*“.

No sanatório

Mas a saúde, já minada, vacilou. O Pe. Kolbe começou a ter febres altas, acima dos 40 graus. Chegava a delirar.

Foi internado primeiro no hospital de Cracóvia. Depois no sanatório de Zakopane, no ar salubre dos montes. Foi para lá em Junho de 1920 e ficou lá um ano e meio.

Humanamente falando, o internamento no sanatório (ele esteve lá mais de um ano) devia assinalar o fim de todos os seus ideais de apostolado mariano.

Sobrenaturalmente, por outro lado, foi o seu mais sólido fundamento. Para as suas obras maiores, o Senhor sabe servir-se de meios humildes e incapazes (1 Cor. 1, 27 – 8).

S. Maximiliano, imóvel na sua pequena cama, com a respiração lenta e fraca, preparou com o seu sofrimento, aquele poderoso impulso apostólico da Milícia da Imaculada em tantos lugares do mundo.

A única preocupação do Santo era a de fazer sempre a vontade da Imaculada a quem pertencia de modo ilimitado e incondicional. Nada era seu; era tudo d'Elas: até a sua doença nos pulmões.

Um pormenor belo e significativo entre as maneiras de agir de S. Maximiliano era o seguinte: quando se deitava, punha sempre o relógio e os óculos aos pés dum estatuação da Imaculada que tinha sobre a mesa de cabeceira. O tempo (o relógio) e o espaço (os óculos) eram propriedade da Imaculada: Ela devia fazer deles o que quisesse para o advento do Reino de Deus.

Apóstolo entre os doentes

Até no sanatório, conforme as suas possibilidades, S. Maximiliano se empenhou no apostolado entre os doentes.

Além dos colóquios privados com os doentes, logo que pôde, organizou encontros e conferências religiosas. Abriu debates e não perdia nenhuma ocasião de distribuir a Medalha Milagrosa.

A Imaculada sustentava-o e concedeu-lhe a alegria de muitas conversões naquela que era considerada a “fortaleza dos ateus”.

Teve por fim a alegria de administrar o Baptismo a um estudante prestes a morrer. Foi assim:

Este jovem frequentava assiduamente as conferências de apologética do Pe. Kolbe. Mas no fim de cada conferência eclipsava-se rapidamente. Só uma vez é que se aproximou de S. Maximiliano para lhe dizer que aquela era a sua última presença, porque reduzido ao extremo, condenado a não mais deixar a cama, só esperava a morte. O Pe. Kolbe prometeu-lhe uma visita, apesar de ser proibido visitar doentes graves. Conseguiu obter a autorização. Foi lá, falou com ele, colocou-lhe a Medalha Milagrosa ao pescoço, preparou-o e administrou-lhe os sacramentos do Baptismo, da Eucaristia e da Santa – Unção.

“Estas contente? – perguntou-lhe – ou perturba-te alguma coisa?”

“A minha mãe... amaldiçoar-me-á por causa desta minha conversão da religião hebraica ao cristianismo”.

“Não tenhas medo, quando a tua mãe chegar, já estarás no Paraíso”.

De facto, a mãe chegou uma hora depois da morte do jovem e desencadeou uma tempestade, ao ver o filho morto, com a medalha Imaculada ao pescoço.

“Senhor, confesse-se”

Ainda outro episódio. É muito belo porque nos revela o modo como S. Maximiliano capturava as almas levando-as aos Sacramentos por meio da Medalha Milagrosa.

É o seu confrade, Pe. Floriano Kozuria quem nos conta o facto. “Quando o Pe. Kolbe estava em Zakopane, conheceu um certo intelectual. Cada vez que o encontrava, pedia-lhe: - *Senhor, confesse-se*. Mas o homem costumava responder: - Nada a fazer, Reverendo; respeito-o Padre, mas não me vou confessar; talvez numa outra altura...”

Algumas semanas mais tarde, este senhor, antes de partir, foi ao quarto do Pe. Kolbe despedir-se. As últimas palavras do Pe. Kolbe foram:

- *Senhor, vá-se confessar...*
- Desculpe, Reverendo, não tenho tempo, tenho de correr até à estação.
- *Então aceite ao menos esta Medalha Milagrosa.*

O senhor aceitou a medalha, por cortesia e dirigiu-se à estação ferroviária. Entretanto o Pe. Kolbe caía de joelhos para implorar à Imaculada a conversão do obstinado. Oh, maravilha! Passado um instante, alguém bate à porta e entra o mesmo senhor que estava com tanta pressa de tomar o comboio. Acena à soleira da porta e exclama: “Padre, peço-lhe que me confesse”

Imprime-se o Cavaleiro

Ano e meio depois, S. Maximiliano voltou finalmente a Cracóvia bastante restabelecido, apesar de um pulmão estar quase inactivo. Recomeça imediatamente a trabalhar, cheio de zelo e incansável, Primeiro pensamento a publicação do *Cavaleiro da Imaculada*. Mas imprimi-lo com que meios? Vai ter com o Pe. Provincial, mas só recebe desencorajamento. Não era possível qualquer ajuda financeira. Teria que ser ele próprio a encontrar fundos.

Não lhe restava mais nada senão meter-se a caminho. Ser mendigo pedindo esmola de porta em porta para a Imaculada que experiência! No princípio não tinha mesmo coragem. Saía e voltava para trás. Na primeira porta onde bateu, quando abriram, ficou corado no rosto, balbuciou algumas palavras incompreensíveis e foi-se embora cheio de vergonha.

“Um outro dia, - contará mais tarde – entrei numa papelaria para pedir uma esmola para o meu jornal, mas, atrapalhado pela vergonha, em contrapartida, acabei por comprar um objecto qualquer e pedir desculpa. Continuei, acusando-me a mim próprio de fraqueza por não ter conseguido, por amor de Nossa Senhora, reprimir o instinto sentido de humilhação pessoal. Tentei então a prova de novo e entrei numa segunda loja. Novamente a vergonha me venceu. Sem pronunciar uma palavra, mas cheio de confusão, desta vez encontrei-me realmente na rua sem saber como”.

Foi doloroso. Mas por fim, o Santo conseguiu e em Janeiro de 1922 saiu o primeiro número do Cavaleiro da Imaculada. Começou com 5.000 cópias.



O “Cavaleiro da Imaculada” foi a primeira das revistas marianas de S. Maximiliano. A difusão do Cavaleiro foi tal, que chegou a imprimir-se um milhão de cópias por mês, ao lado de outras revistas e jornais.

“Por Ti, Imaculada”

Todas as cópias do primeiro número da revista tiveram muita procura. O Pe. Kolbe pôde de imediato pensar em imprimir o segundo número com 10.000 cópias.

Mas onde encontrar os fundos necessários? Exactamente naquele entretanto, acontecia a desvalorização monetária, e o pouco dinheiro à disposição não podia senão desencorajar quem quer que fosse. S. Maximiliano recorreu ao seu Padre Superior para obter um pouco de ajuda, mas só obteve esta resposta: “Que quer que lhe diga? O convento não tem meios. É você que tem de se livrar desse embaraço”.

Que fazer? Rezar.

O Santo foi para a Igreja aos pés do altar da Imaculada. Recorreu à Rainha Celeste, Rezou com fervor. Viu um envelope ali colocado. No envelope estava escrito “*Para ti, Imaculado*”. Pegou nele e abriu-o: continha a quantia exacta para o segundo número do “*Cavaleiro*”. Assim a revista pôde sair, aumentado a sua tiragem de mês para mês. Quem escrevia a Revista? De início, era S. Maximiliano quem fazia quase tudo. O seu estilo ao escrever sobre Nossa Senhora era simples, claro, eficaz. Sabia bem que a grande maioria dos leitores era gente modesta. Dizia coisas fundamentais; e assim iluminava, exortava, impelia ao conhecimento e ao amor à Imaculada.

Para distribuir a Revista, S. Maximiliano não contava com as assinaturas, enviava a quem lhe pedia, oferecia, dava mais que podia. As ofertas espontâneas chegaram, de seguida, de maneira a poder fazer sempre mais. A providência material velava por ele.

“Irmão motor”

Quando as cópias do *Cavaleiro* superaram as 50.000 por mês, S. Maximiliano começou a pensar numa tipografia sua. Podia parecer outra loucura ainda maior que as outras. Mas não era o próprio S. Maximiliano que se auto definia de “louco pela Imaculada”?

Até esta loucura se realizou com a ajuda da Imaculada. O Cavaleiro começou por ter a sua própria máquina impressora; um “*irmão motor*”, como dizia o Santo.

Para ter locais mais amplos e adaptados, pensou-se em implantar todas as coisas em Grodno, uma localidade montanhosa, ao norte da Polónia.

Junto com o grupo de confrades encarregados, S. Maximiliano transferiu-se para lá e continuou o trabalho, sem parar.

Redactor, escritor, impressor: estes eram os seus encargos quotidianos, além do tempo para se dedicar à oração, à S. Missa, ao Breviário, ao confessionário, às lições de catecismo numa aldeiazinha a três km. de Grodno. Rezava e trabalhava, escrevia e ensinava, com febre ou sem ela; fraco ou não; inútil ocupar-se com estas coisas porque o seu tempo voava e queimava-se pela Imaculada.

“*O meu dia – escrevia ao irmão, o Pe. Afonso – é realmente cheio de trabalho. O número de leitores aumenta a passos largos. A Imaculada conduz o seu “Cavaleiro” com a mão poderosa. Não tenho tempo para estar doente, ainda que uma vez ou outra a febre torne o meu rosto avermelhado, ainda que me sinta cada vez mais fraco. Repito: não tenho tempo para estar doente*”.



No dia 20.10.1922, a minúscula tipografia do "Cavaleiro da Imaculada" foi transferida de Cracóvia para o convento de GRODNO. Em dezembro de 1922, a revista correspondente ao mês de janeiro de 1923, foi impressa em máquina açãona a mão. Pouco depois foi adquirida uma impressora usada, movida a energia elétrica.

Tantas vocações

Entretanto, a Imaculada está operando outro milagre ainda maior para S. Maximiliano. O projecto de levar a Imaculada a todos e de A tornar Rainha de todos os corações que batem sobre a terra, não pode realizar-se sem almas inteiramente votadas à Imaculada e à Sua causa.

Se o “*Cavaleiro da Imaculada*” se expandia, eram também necessários novos braços e corações para levar avante com força e com amor uma tal expansão.

De facto, até este “*Sonho*” que parecia ainda maior “*loucura*” ser concretizada, começou a realizar-se de maneira rápida e aparatoso.

A “*loucura do amor*” pela Imaculada, por parte de S. Maximiliano, tornou-se fecunda em vocações religiosas.

“*Para ser digno da Imaculada – dizia o Santo – é preciso ser alma consagrada. A Obra da Imaculada não é uma empresa comercial: é infinitamente mais que tudo isso*”

Devia ser a primeira vez na história da Ordem Franciscana que se viam os frades às voltas com as máquinas tipográficas, absortos no trabalho, em perfeito silêncio e em espírito de oração. S. Francisco não podia senão alegrar-se ao ver estes seus frades que se consumiam para a glória da Rainha dos frades Menores.

Chegarão a ser muitos, em fluxo contínuo, com idades e de condições diversas. E a chegada deles começará a criar um novo problema: encontrar espaço suficiente para estarem e trabalharem em conjunto. Todos os lugares abandonados do velho convento foram utilizados ao máximo. Mas o número das vocações aumentava ainda, tal como as cópias do Cavaleiro e os inscritos na Milícia que superavam já os cem mil.

Começou então a tomar forma um outro projecto que S. Maximiliano desejava como o sonho mais belo de toda a sua loucura de amor: fundar uma “*Cidade da Imaculada*” completa.

AS CIDADES DA IMACULADA

O terreno da Imaculada

S. Maximiliano pôs-se de imediato à procura dum terreno adaptado à fundação da cidade mariana. Queria-o perto de Varsóvia para facilitar o transporte e a expedição da imprensa.

Procurou e encontrou um terreno apreciável, amplo, na zona de Teresin. Era propriedade do príncipe Drucki-Lubecki. Foi ter com ele e pediu-lhe se podia colocar naquele terreno o complexo da tipografia e barracas para os frades cavaleiros da

Imaculada. O príncipe ficou bem impressionado com aquele frade, concedeu-lhe de boa vontade o que ele lhe pedia, com a condição de que lhe assegurasse a celebração perpétua de duas Missas por ano, pelos pais.

O Santo prometeu obter dos Superiores o empenho destas Missas e entretanto, fora de si com a alegria, foi ao terreno de Teresin e antes de mais nada, colocou lá uma bela estátua da Imaculada, para que tomasse posse do terreno destinado à sua causa.

Os frades superiores, contudo, não aceitaram a condição apresentada pelo príncipe, S. Maximiliano sentiu com isso um golpe sangrento no coração. Foi ter com o príncipe para lhe comunicar a recusa dos frades. O príncipe irritou-se. Ficou indeciso sobre o que fazer. Queria recusar o terreno. Disse ao Santo: “O Senhor colocou uma estatueta da Imaculada no terreno. Que hei-de fazer com ela?”

O Santo respondeu: “*Deixe-a lá estar, senão parecerá que desta vez Nossa Senhora não conseguiu obter uma causa*”

O príncipe olhou mais fixamente o Santo, ao obter aquela surpreendente resposta. Depois, apertou-lhe firmemente a mão e disse-lhe: “Pois bem! Fique com a estatueta e fique também com o terreno, sem nenhuma condição”.

O coração de S. Maximiliano estava prestes a explodir-lhe no peito. Assim que chegou ao convento, gritou cheio de alegria aos frades que estavam junto à máquina: *Ajoelhemos-nos e agradeçamos todos à Imaculada*”.



São Maximiliano coloca e benze uma estatueta da Imaculada nos campos de Teresín, onde surgirá a Cidade da Imaculada (NiepoKalanw) com centenas de frades votados inteiramente à causa da Imaculada.

Primeira coisa: a Capela

Um primeiro grupo de frades chegou ao local do terreno e pôs mãos à obra para escavar, trabalhar com picareta e limpar. Estava-se no fim de Agosto de 1927. Estava lá também S. Maximiliano. Trabalhava-se a ritmo acelerado. Dormia-se no chão sobre a palha no quarto do caseiro. Comia-se pouquíssimo. A primeira coisa a sergir foi uma Capelinha de madeira. O Santo celebrou lá a S. Missa e consagrou aquele lugar à glória de Deus e à salvação das almas, por intermédio da Imaculada.

À volta daquela Capela da Imaculada começaram a surgir, pouco a pouco, as barracas para habitação dos frades e para as várias repartições do complexo editorial.

A 21 de Novembro, festa da apresentação de Maria Santíssima no Templo, todos os frades de Grodno que trabalhavam com São Maximiliano, transferiram-se para o terreno e para as duas primeiras barracas da propriedade de Teresin, que de então em diante se passou a chamar “*Cidade da Imaculada*” (em polaco, “*Niepokalanow*”).

À entrada da singular “*Cidade*”, reinava uma bela estátua da Imaculada, acolhendo quem quer que se dirigisse àquele lugar. O Santo introduziu o costume de se saudarem com o nome de “*Maria!*”. Já o dissera anos antes a um confrade, falando do seu sonho – projecto dumha casa toda mariana: “*Que bela Casa! É uma casa onde se sente, por todo o lado, Maria*”. *Maria é a sua saudação. Maria a resposta. Ela é dona e guarda da casa. Tudo por aí faz agir com prontidão. Todos por Maria e Maria por todos os da casa. É a casa de Nossa Senhora*”.

Vida Heróica

São Maximiliano era franciscano e queria ser um verdadeiro imitador do Seráfico de Assis.

A fidelidade a S. Francisco, uma vida religiosa digna das primeiras comunidades franciscanas, a perfeita observância da Regra e das Constituições, estimulada até ao heroísmo; S. Maximiliano desde o início quer tudo isto para si e para os seus frades. Não admitia compromissos, não foi certamente um moderado, não podia basear uma obra tão grandiosa senão no fundamento da imolação de toda a vida, a toda a prova.

Ele próprio dissera aos seus frades, antes de deixarem Grodno: “*No novo convento o nosso sacrifício deverá ser total. A vida religiosa deverá florescer em vós, na mais perfeita observância... A Regra e as Constituições deverão ser observadas rigorosamente, porque Niepokalanow deverá ser exemplo de vida de regra para todos*”

Era esta vida religiosa vivida heroicamente que alimentava e sustentava o poderoso império apostólico da Cidade da Imaculada. Os frades de cabeça rapada, de hábitos remendados e tamancos nos pés; estes frades em oração, cedo, antes do amanhecer, durante várias horas ocupados num trabalho febril em silêncio perfeito, sofrendo o frio, não se queixando da pouca comida e do descanso em más condições: estes frades pagavam, com o seu sacrifício quotidiano, o preço da conquista das almas pelo amor da Imaculada.

Pobreza franciscana

A pobreza e a Imaculada são o fundamento da Cidade da Imaculada. Isto afirmava S. Maximiliano. Não é possível narrar como era grande o amor de São Maximiliano M. Kolbe pela pobreza. Um amor digno do Seráfico Pai S. Francisco.

As páginas de São Maximiliano sobre a pobreza, cabem perfeitamente numa recolha de escritos dos primeiros tempos do franciscanismo e os exemplos de pobreza da *Cidade da Imaculada* renovaram os das primeiras comunidades franciscanas.

Nas coisas grandes como nas mínimas, São Maximiliano revelou-se sempre fiel seguidor do Pobrezinho de Assis, desapegado de coração e fisicamente de todos os bens terrenos, satisfeito com o mínimo necessário para viver como um verdadeiro pobre que

não quer possuir nada, pois é inteiramente possuído por Deus, como “*propriedade*” absoluta da Imaculada.

O Santo já não quer a propriedade do terreno para as Cidades da Imaculada, nem na Polónia nem no Japão. “*Propriedade para quê?*” – dizia – *Basta o usufruto. Como S. Francisco. Nada de propriedade. Ficaremos naquele lugar até o dono no-lo permitir; quando nos disser que não podemos lá ficar mais tempo, iremos para outro lado*”. E um confrade, o P. Domenico Stella di Assisi, comentou assim estas palavras do Santo. “isto mostrava clareza de ideias e verdadeira persuasão. Era evidente que o ideal puro da pobreza em conformidade perfeita com a ideia do Pai Seráfico tomava a supremacia dos seus pensamentos.

E mesmo quando esteve na Índia e o Bispo de Ernaculam lhe quis dar o terreno, uma casa e uma Capela, S. Maximiliano aceitá-los-á “*só em usufruto, porque não queremos propriedades*”.

“Se S. Francisco voltasse...”

São Maximiliano queria que as habitações dos frades resplandessem de tal modo, pela pobreza, que “se S. Francisco voltasse, as pudesse escolher para habitar”. Escrevia também: “*Nós religiosos podemos habitar em barracas, andar com hábitos remendados, alimentarmo-nos modestamente...*”.

E de facto, “as condições de vida em Niepokalanow eram singulares e copiavam as do tempo de S. Francisco. As casas tinham o aspecto dum refúgio provisório feito com elementos da natureza, construído com palha e argila...”.

Mais ainda: “em cada construção feita por ele resplandece a pobreza de celas simples, camas de enxergão, bancos sem espaldar, uma mesa, as paredes caiadas. Até no refeitório, as mesas eram de madeira tosca, a louça de lata, uma só malga para a refeição.”

E, todavia, estas condições de vida pobre não só não entristeciam aqueles frades, como pelo contrário geravam neles e entre eles aquela alegria franciscana perfeita que se realiza na crua indigência.

Os frades aumentavam em Niepokalanow e em Mugenzai-No-Sono (*Jardim da Imaculada*). Contudo, nem sempre podiam aumentar de imediato as provisões. E então acabava-se por dividir, ainda mais alegremente, a comida já escassa e repartir-se até a roupa. Por esta razão, uma vez o Santo pôde escrever a um frade que queria juntar-se a ele no Japão: “*Vem, vem para morreres de fome, de fadiga, de humilhação e de sofrimento pela Imaculada*”.

Lavava-se de joelhos

Leiamos outros testemunhos daqueles tempos heróicos.

Frei Lourenço Podwarpki conta: “ O Padre Maximiliano dividia com frei Zeno um par de sapatos e um casaco, levando-nos também a nós a limitarmos as nossas despesas. Dizia muitas vezes que um religioso franciscano devia contentar-se também com um par de sapatos remendados e com uma túnica remendada, mas não devia faltar à Imaculada nem sequer com um avião do último modelo. Quando os frades quiseram pintar-lhe a cama, que era de madeira e tornar-lha um pouco mais cômoda, ele opôs-se-lhe decididamente”.

Frei Alberico, para vestir o hábito, tinha de esperar que o Padre Melchior o desisse; frei Gabriel usava o casaco do frei Pascual, e – como já sabemos – o Padre

Maximiliano recebia de novo os sapatos de frei Zeno, só quando ia a Varsóvia; e duas vezes por semana, quando devia ir à povoação de Losona, para dar lições de religião.

“Em Niepokalanow – atesta o médico Estanislau Wasowicz – impressionou-me... a pobreza que roçava o primitivo, no respeitante às necessidades pessoais, tanto do Pe. Maximiliano como de todos os frades”.

“Frei Mansueto Marezewki fala do Pe. Kolbe e diz-nos que “o seu hábito era o último dos últimos, o seu quarto era modestíssimamente mobilado: uma simples cama de madeira, com uma bacia por baixo, na qual, ele se lavava de joelhos, uma mesa e uma cadeira; o seu sobretudo estava pendurado num prego preso à parede. Não tocava nunca nas ofertas que chegavam a Niepokalanow e avisava todos a considerá-las como propriedade da Imaculada e por isso destinadas a serem gastas só para o Reino de Deus”.



Vista de Niepokalanow. Era constituída por barracas pobrissimas para os frades, que levavam uma vida austera de pobreza e trabalho, renovando os tempos heróicos das primeiras comunidades franciscanas, para glória da Imaculada.

Nem um centavo

Como S. Francisco de Assis, São Maximiliano quis ser desapegado e privado de dinheiro, de modo perfeito.

Pensar que passaram pelas suas mãos tantos capitais, sem lhe deixarem um centavo no bolso; completamente, sem que se concedesse a si mesmo, nem sequer o necessário. O que custaria comprar um par de sapatos, uma manta, um chapéu de chuva? São tudo coisas necessárias. Contudo, ele não as achava tão indispensáveis, como nós pensamos. Ele ensinava com o exemplo e com a palavra “*a maior limitação possível das exigências pessoais*”, reduzidas às “*extremamente necessárias*”.

Se a Regra proibisse trazer consigo um só centavo, São Maximiliano seria fiel nisso, até ao pormenor.

Uma vez, de passagem por Roma, em partida para o Extremo Oriente, foi hóspede do Colégio Internacional. Uma testemunha refere este pequeno episódio: “Estava na

sala do Pe. Reitor quando o Pe. Maximiliano bateu à porta. Entrou alegre e soridente e dirigiu-se directamente ao Pe. Reitor para lhe entregar o porta-moedas, dizendo:

- *Este dinheiro, Pe Reitor, é o resto do bilhete de viagem da Polónia até Roma.*
- Mas não ides regressar? – perguntou o Pe. Reitor.
- *Sim, mas estaremos em Roma três dias e as santas constituições não o permitem.*
- Eu sei, mas podeis guarda-lo – replicou o Pe. Reitor.
- *Não sei... -* respondeu sorrindo o P. Maximiliano.

E como o Pe. Reitor não o quisesse aceitar, o Pe. Kolbe deixou-o sobre a cadeira e saiu.

As cinzas sobre a mesa

O particular amor à santa pobreza tornava São Maximiliano especialmente contrário aos alcoólicos e mais ainda ao vício do fumo. As suas recomendações a este respeito foram fortes e instantes.

“Caros filhos, dai-me esta alegria: mesmo depois da minha morte não fumeis e não bebais aguardente. Recusai quando vos oferecem estas coisas. Recomendo ardente mente e desejo que não se fume em nenhuma das Niepokalanow, porque isso seria um princípio de relaxamento e de enfraquecimento do seu fundamento, constituído pela santa pobreza”.

De passagem por Pádua, eis o que, uma vez, sucedeu:

“Uma noite de Fevereiro de 1937 – conta o P. mestre do noviciado no Convento do Santo – ele sentou-se à minha mesa à volta da qual estavam dezasseis noviços nossos. Antes de começar a falar, apontando com o dedo a mesa, perguntou, olhando para mim:

- *Costuma haver cinza aqui em cima?* – Eu, pensando que ele estava a brincar, respondi:

- Não.

Então ele replicou de novo:

- *Pergunto se é costume haver cinza aqui em cima da mesa.*

Não comprehendendo o que ele queria dizer, respondi que se ele quisesse um pouco de cinza, eu tê-la-ia trazido do dormitório onde estava o fogão. Então ele disse pela terceira vez:

- Não, Não!... *Pergunto se é costume haver aqui cinza em cima da mesa.*

- Ah! Maroto, respondi eu. Tinha comprehendido que daquele modo, me perguntava se eu fumava, e então:

- Não, não aqui nunca há cinzas na mesa.

Em seguida, começou a falar aos noviços sobre a oportunidade de não tomarem nunca o hábito de fumar, exortando-os, a todos, a fazer uma promessa à Imaculada, abstendo-se para sempre deste vício.

Para que tomássemos a coisa bem a peito, fez-nos calcular com números reais e precisos quanto é que um fumador gasta por mês e exortou-nos, por amor à pobreza e às Missões, que necessitam tanto de dinheiro para a conversão dos infiéis, a abstermo-nos destas despesas”.

Fumo e pobreza não podem coexistir. Os cigarros fazem a pobreza ir por água abaixo. Só de pensar em S. Francisco com o cigarro na boca é uma profanação, dizia ainda São Maximiliano.



A Capela de Niepokalanow. Aqui era o coração pulsante da grande comunidade. Aqui os frades oravam juntos várias horas por dia, a adoração perpétua da Eucaristia impregnava todos, em redor. “Esta é a mais importante secção laboral”, dizia o Santo.

Desenvolvimento exuberante

A oração intensa, o sacrifício incessante, a observância perfeita de uma vida franciscana, tudo à luz mariana, produziam milagres no seu desenvolvimento tipográfico e editorial, aliado ao aumento das vocações.

Pouco a pouco as secções tipográficas tornavam-se maiores e multiplicavam-se. Fique-se a saber que se chegou a uma organização grandiosa, com uma direcção Central, dividida em cinco grandes secções e estas subdivididas em setenta secções.

As imprensas marianas cresciam em medida vertiginosa batendo todo o recorde de previsões optimistas no campo editorial. Eis um pequeno quadro:

- 1) *O Cavaleiro da Imaculada*, ilustração mensal com uma tiragem de 1.000.000 de cópias.
- 2) *O Cavaleiro*, publicação mensal para os jovens, com 165.000 de cópias.
- 3) *O pequeno Cavaleirinho*, publicação mensal para os mais pequenos com 35.000 Cópias.
- 4) *O pequeno jornal*, diário com cerca de 200.000 cópias.
- 5) “*Miles Immaculatae*”, publicação trimestral em latim para os eclesiásticos no estrangeiro, com 15.000 cópias.

A estes principais, vão juntar-se outras publicações da vida dos Santos e de escritos ascéticos, especialmente de S. Afonso Maria de Ligório.

Para levar por diante esta produção formidável, a comunidade desenvolverá-se a pouco e pouco e organizara-se com uma rapidez surpreendente. Já dois anos depois, em 1929, a Cidade da Imaculada tinha dois noviciados; um para irmãos religiosos, outro para aspirante ao Sacerdócio. Havia também um corpo de frades bombeiros bem equipados (*pela sotaina que vestis – dizia o Santo – as pessoas sabem que sois frades;*

pelo terço que trazeis pendente do cinto, sabem que sois da Imaculada): quão precioso serviço prestavam também ao povo!

A Imaculada irradiava de Niepokalanow e atraía sempre novos corações a Niepokalanow. Chegar-se-á a atingir mil membros: mil corações consagrados à glória da Imaculada.

No Extremo Oriente

Seguindo a exortação do Papa Pio XI, também os Superiores da Ordem dos Frades Menores Conventuais convidarão os frades dispostos a irem para as terás de missão.

A esse convite, respondeu São Maximiliano de imediato com um pulo ardente. Fez logo o pedido que foi acolhido favoravelmente pelo Ministro Geral da Ordem.

Podia parecer uma loucura deixar Niepokalanow no seu grandioso movimento de acção, para ir para tão longe, no Extremo Oriente. Mas também esta era uma loucura de amor pela Imaculada. O Próprio São Maximiliano disse, uma vez, que gostava de circundar o globo com uma faixa dizendo “*Cidade da Imaculada*”, e será ele a lançar-se nas Índias, na Síria, na Turquia, na Letónia, desejando fundar outras tantas “*Cidades da Imaculada*” para o advento do Reino de Deus sobre a terra, por meio da Imaculada. É igualmente sua a profecia que um dia não muito longínquo, a estátua da Imaculada reinará sobre o Kremlin, qual Rainha da Rússia convertida.

Foi primeiramente chamado a Roma. O Pe. Geral ficou realmente impressionado com este frade humilde e extraordinário. Perguntou-lhe se estava pronto. São Maximiliano assegurou-lhe que providenciara o necessário.

Que necessário? O bilhete de viagem pago por um benfeitor, uma mala com as poucas coisas pessoais. Era isto o necessário para ele e para os quatro frades que o acompanhavam.

E o resto?

“*A Imaculada providenciará!*”.

Esta exclamação de São Maximiliano fez encher de lágrimas os olhos do Ministro Geral; que repetiu, também ele: a Imaculada providenciará!



Vista da Cidade da Imaculada Japonesa, a Mugenzai-No-Sono. Foi uma empresa lendária. O Santo partira para o Oriente sem sequer saber onde ia ficar! A Imaculada fê-lo ficar em Nagasaki, e, um mês depois, já saía o primeiro número do Cavaleiro da Imaculada em Japonês.

Lenda nipónica

Quem poderá narrar as vicissitudes da passagem da Polónia para o Japão?

Sem meios, sem conhecer a língua, sem nenhuma indicação precisa do local onde ficar: quem guiava São Maximiliano, a não ser a Imaculada?

Fica em Nagasaki. Dirige-se com os quatro confrades à Catedral. No átrio, entre muitas flores, está uma bela estátua da Imaculada. Instintivamente, São Maximiliano exclama: “Se A encontrámos, está tudo bem!” Estava-se no início de Maio de 1930.

Entre sacrifícios inauditos procuram uma instalação qualquer no início “... iremos habitar no nosso casebre, no sótão da habitação dum arquimandrita; temos como cama as tábuas dum pavimento, a janela tem quatro lâminas de vidro e assim por diante, mas tudo isto é agradável porque o fazemos pela Imaculada”.

Eis o que aconteceu uma vez, no Inverno:

“A noite passada, e hoje também, está uma tempestade de neve. A neve caía-me na cara, em tanta quantidade que para poder dormir tive de cobrir a cabeça. As cobertas forradas dos irmãos (que dormem) estão brancas e nas bacias a água gelou. Eles falavam alegremente do sucedido ao pequeno – almoço; eu, contudo, tenho um pouco de receio pela saúde de todos nós”.

Esta é vida heróica. Vida de lenda nipónica. Destes heroísmos nasceu e desenvolveu-se a nova cidade de Maria que se chamará em japonês “MugenzaiNoSono” (Jardim da Imaculada).

O mito da imortalidade

Menos de um mês depois da chegada, saiu o *Cavaleiro da Imaculada* em japonês. São Maximiliano telegrafou para a Polónia, para Niepokalanow: “*Hoje expedimos o Cavaleiro em japonês. Temos a tipografia. Viva a Imaculada. Maximiliano*”. Era um milagre incrível.

E vaie-se por diante sem parar. Dos poucos milhares de cópias iniciais chegar-se-á a superar as 50.000 cópias mensais. O Santo e os confrades trabalharão dum fôlego. Sobretudo o Santo parecia um gigante na oração, na mortificação e no trabalho. Ensinava filosofia no Seminário; organizava encontros ecuménicos com os budistas; escrevia artigos para o Cavaleiro; tratava da formação dos confrades, dava tudo o que podia das suas energias no trabalho tipográfico; muitas vezes tinha febre alta e sofria de dolorosas furunculoses. Mas seguia em frente indómito. Os confrades preocupavam-se com a saúde dele; ele não se tratava. “*Repousaremos no Paraíso*”, dizia. Dele se criou mesmo o mito da imortalidade. Humanamente era impossível não desfalecer sob aquela enorme quantidade de responsabilidades e de trabalho incessante; com uma alimentação escassa e sono difícil. Mas a Imaculada providenciava.

Em poucos anos começaram a chegar as vocações, também ali. Formou-se um noviciado e um pequeno Seminário. As sementes tinham germinado. As graças da Imaculada tocavam e penetravam os corações daqueles pagãos, que ficavam edificados diante de tanta pobreza e de tantos sacrifícios, aceites com alegria. E deste modo, a família aumentava, até se tornar numa comunidade mariana florescente.

Cruzes como “rebuçados”

São Maximiliano considerava as cruzes como rebuçados em proveito do amor. Não existe amor verdadeiro sem sacrifício. O sacrifício é a verdade do amor sem engano. Por conseguinte, a preciosidade dos sofrimentos, das mortificações, das contrariedades. São Maximiliano tinha um amor louco e por isso foi repleto de “rebuçados” em abundância.

Basta dizer, por exemplo, que mesmo diante do desenvolvimento milagroso da sua obra nas duas “Cidades da Imaculada”, nos outros conventos – como testemunha frei Lourenço Podwapinski – “os padres e os irmãos criticavam toda a actividade do Padre Maximiliano. Só alguns, os mais iluminados, os que tinham mais confiança nele, apoiavam a sua actividade, como por exemplo, o Provincial de então... Em resposta a todas as murmurações e censuras, o Pe. Maximiliano expunha e explicava os seus planos, sem nunca entrar em polémica com os opositores, fazendo passar pelos dedos as contas do Rosário sob o Escapulário, entregando tudo à Imaculada”.

“*Não apenas Satanás, mas todo o inferno se esforça por lesar a causa da Imaculada – disse um dia o próprio Pe. Maximiliano – e esforçar-se-á também no futuro, não só no estrangeiro, mas, facto bem triste, também dentro destas paredes e até dentro de nós mesmos*”.

Um outro confrade, o Pe. Anselmo Kubit, assegura-nos que “o Pe. Maximiliano sacudiu toda a Província com a introdução duma pobreza mais rígida. Os conventos franciscanos eram normalmente modestos, mas aqui e ali infiltrava-se a tendência para certa comodidade. O Pe. Maximiliano em Niepokalanow construiu os edifícios em “lesz”, isto é, com escórias de carvão coque. Serviu-se de madeira não aplainada, de bancos sem encosto. Os irmãos lavam-se sobre o pavimento, comem sobre mesas toscas, sem serem envernizadas...”

Ele não tinha vergonha da pobreza, mesmo diante dos outros, recebia Bispos e Cardeais do mesmo modo, com simplicidade...”

Mas infelizmente, não eram muitos os confrades que apreciavam esta fidelidade a toda a prova, à Regra de S. Francisco de Assis. Os demais olhavam Niepokalanow com certa aversão; consideravam-na “*uma Província na Província*”; criticavam as diferenças em relação aos outros conventos e queriam que tais diferenças fossem eliminadas.

Reducir Niepokalanow a “*um convento qualquer*”: esta era a pena diversas vezes salientada pelo próprio São Maximiliano nos seus escritos e que devia amargurar-lhe bastante o coração.

Mas a Imaculada sustentou-o, e todas as cruzes não serviam senão para lhe agigantar o coração.



Os frades a trabalhar às suas mesas, atentos e recolhidos. Trabalham em silêncio, mas febrilmente. A Imaculada está diante deles, Mãe e Rainha, a sua “voluntária e amantíssima ideia fixa”, como dizia São Maximiliano.

China, Índia, Turquia...

Do Japão, o pensamento de São Maximiliano voava para outros continentes, aos quais deveria levar a Imaculada.

“Não devemos trabalhar apenas no Japão; que dizer da China, das Índias, da Turquia, do mundo árabe e da África inteira?”

Já sabemos que ele queria cingir todo o globo com uma faixa, dizendo “*Cidade da Imaculada*”.

Mas, entretanto, estava imerso até aos cabelos nos trabalhos de instalação da Cidade da Imaculada no Japão; todavia não cessava de projectar novas “*Cidades da Imaculada*” para outras nações do globo.

A China e as Índias foram as primeiras. Foi lá pessoalmente; observou os diversos lugares mais apropriados; fez contactos e as primeiras negociações; abriu o caminho, fez amadurecer esperanças muito concretas. Tudo acontecia através de viagens extenuantes. No meio de dificuldades e incompreensões de toda a espécie. Mas a Imaculada sustinha-o.

Numa dessas viagens, a 12 de Setembro de 1932, festa do Santo Nome de Maria, o Santo quis escrever uma carta de parabéns onomásticos à Imaculada. E a carta

transbordante de afecto termina com esta longa assinatura: “*Pe. Maximiliano M. Kolbe, longe da pátria, entre Saigão e Hong-Kong chinês, sobre as gigantescas ondas do mar encapelado, oprimido pelo calor sufocante, por ti, oh Maria!*”

Na realidade, São Maximiliano estava sempre em movimento pela Imaculada. Levado uma vez a visitar uma exposição, a alguém que lhe perguntou o que é que tinha interessado respondeu com franqueza: “*Nada, nada me interessou; não vi nada. Eu caminho pela Imaculada*”.

Podemos, sem dúvida, acrescentar que São Maximiliano não só caminhava, mas também corria, viajava, navegava, andava de avião... pela Imaculada. Servia-se de tudo e queria que tudo servisse “*acima de tudo para a Imaculada*”.

Para isto projectava que nas Cidades da Imaculada houvesse campo de aviação, caminho-de-ferro, estação de televisão mariana, uma casa cinematográfica mariana, uma companhia de arte e filodramática mariana, uma Faculdade universitária para a Teologia mariana.

Tudo em proporção ao amor. Mas qual pode ser a proporção da “*loucura de amor?*”

Imaculada Conceição Incriada e Criada

A imensidão do amor de São Maximiliano era alimentada por uma devoção mariana, que se elevava a alturas vertiginosas, na penetração do Mistério da Imaculada.

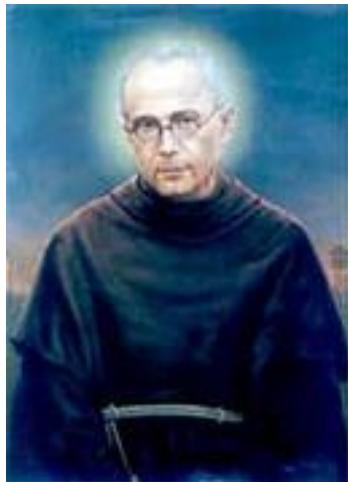
Com a Imaculada ele atingia o coração da Santíssima Trindade: o Espírito Santo. A reflexão especulativa e a introdução mística de São Maximiliano chegavam a uma descoberta sublime. A Imaculada é a Esposa do Espírito Santo. Mas entre o Esposo e a Esposa existe unidade. Portanto, o Espírito Santo e Nossa Senhora são ambos “*Imaculada Conceição*”, com a diferença que o Espírito Santo é a Imaculada Conceição Incriada.

Esta unidade inefável entre o Espírito Santo e a Imaculada é de tal modo profunda que São Maximiliano define a Imaculada como quase uma “*personificação do Espírito Santo*”. E é por força desta “*personificação do Espírito Santo*” que a Imaculada é Mãe Divina, Mãe dos homens, Medianeira e Corredentora, é Rainha do universo.

A originalidade, o valor e a beleza destas intuições luminosas, assinalam o ponto de encontro da teologia mais audaciosa com a mística mais inefável, em chave trinitária e mariana.

Infelizmente, sabemos que São Maximiliano estava a escrever e deixou iniciado em poucas páginas um tratado místico-especulativo sobre as relações entre a Imaculada e a Santíssima Trindade. O manuscrito foi encontrado sobre a sua mesa, quando a Gestapo o veio buscar. Ora, tocaria aos seus filhos desenvolver aquelas intuições admiráveis, para descobrir alguma coisa mais além das tantas maravilhas contidas no mistério da Imaculada Conceição. “*Tudo o que foi dito sobre Nossa Senhora não é ainda nada*”, afirmava São Maximiliano.

Do mesmo modo, São Maximiliano era um fervoroso apoiante da Mediação universal e da Corredenção objectiva de Maria Santíssima. Escrevia e falava sobre o assunto com frequência. Rezava e queria que se rezasse muito para obter depressa a solene *definição dogmática*. Mas esta meta de glória e de amor pela Imaculada toca-nos a nós fazê-la atingir pela Igreja que sempre venerou Maria não só como Mãe, mas também como Medianeira e Corredentora da humanidade.



O MARTÍRIO E A GLÓRIA

As três etapas

A vida do homem tem três etapas: a preparação para o trabalho, o trabalho em si mesmo e o sofrimento”.

Esta era uma máxima muito cara a São Maximiliano. E uma noite de Agosto de 1939, na vigília da trágica guerra, ele aplicou-a a si mesmo, falando assim aos confrades: “*A terceira etapa da vida é o sofrimento ... E, provavelmente agora, é-me necessário... De quem onde e como, só a Imaculada o sabe. Trabalhar, sofrer e morrer como cavaleiro, mas não de morte comum. Olhem: receber uma bala na cabeça para esconder o próprio amor para com a Imaculada, derramar como um cavaleiro o sangue até à última gota, para acelerar a conquista de todo o mundo para Ela. Isto desejo-o a mim e a vós. Não posso augurar a mim mesmo nem a vós nada de mais sublime... O próprio Jesus disse: “Não há maior amor do que aquele que dá a vida pelo seu próprio amigo”.*

Foi uma profecia. E agora chegava a vez dele. O desencadeamento da guerra que avançou fulminante matando e devastando, levou a tragédia até à pobre Polónia. Estava-se em Setembro de 1939.

As Panzerdivisionen, os Stukas, a Blitzkrieg, a Wehrmacht, a Gestapo entravam em acção colocando cidades e povoações a ferro e fogo, trazendo ruínas espantosas aos homens e às coisas. A Polónia foi sacudida e subvertida nas suas fronteiras, foi assaltada e devastada nas suas terras e nos seus bens.

Os 800 religiosos de Niepokalanow foram obrigados a afastar-se. Só ficaram uns trinta. Estava com eles São Maximiliano, o qual não se iludia que pudesse subtrair-se aos golpes da polícia alemã, particularmente contrária a Niepokalanow, por causa do “*Pequeno jornal*”, o qual certamente não podia apoiar aquela ideologia nazi, que produzia massacres de povos, perseguições à Igreja, crimes raciais, sem número. Por isso, São Maximiliano estava já na “lista negra”.

A 19 de Setembro os guardas SS apresentaram-se em Niepokalanow, juntando os religiosos que tinham ficado – eram trinta e sete – e levaram-nos em dois camiões.

“*Se calhar a Imaculada quer, por nosso meio fundar uma nova cidade na Alemanha*”, comentou serenamente São Maximiliano.

O amor sabe sempre inverter o mal e criar o bem.

Em Lamsdorf e em Amtitz

Foram levados para o campo de concentração de Lamsdorf; depois para o de Amtitz. Um frade do grupo dos trinta e cinco conta: “Desde Lamsdorf, sempre de camião, levaram-nos para Amtitz. Nestes campos preventivos, o padre Kolbe rezava muito connosco e confessava muitos presos, organizava mesmo retiros espirituais – e em Amtitz até as devoções do mês de Outubro – e dava também conferências, tanto a nós como aos outros prisioneiros”.

Desde o início das deportações São Maximiliano não se desmentirá nunca no exercício duma fé, esperança e caridade heróicas; mas, é sobretudo aqui que ele se eleva nas pequenas e nas grandes coisas, num modo tão sobre-humano que nos fazia inclinar reverentes e comovidos.

São realmente tantos os testemunhos!...

Escolhemos alguns:

“Lembro-me que um dia – diz frei Jerónimo – nos fizeram chegar às mãos, às escondidas, da cozinha do campo, uma caixinha de queijo, expressamente para o padre Maximiliano. Pois bem, ele ordenou-nos que repartíssemos o conteúdo entre todos. Outras vezes, recomendou-nos que déssemos até as nossas rações de pão àqueles prisioneiros a quem faltasse. E ele era o primeiro a fazê-lo. Suportava o cativeiro com grande serenidade de ânimo. Uma só vez se inquietou, e foi em Amtitz, quando ouviu um prisioneiro maldizer a mãe por tê-lo posto no mundo. E a indignação do padre Kolbe produziu um efeito tal naquele homem, que subitamente se calou e acalmou...”.

“Vi com os meus olhos – acrescentará um tal Juraszek, então preso como ele em Amtitz – dar uma parte da sua ração a um irmão que sofria mais com a fome do que os outros. E a ração que nos davam era tão pequena que só um coração de mãe podia ter a força de a repartir... Uma noite fazia um frio de cão – acordei em sobressalto: alguém me estava a cobrir com um cobertor. Era o padre. Cada vez que me lembro dele não posso conter as lágrimas”.



No campo de concentração em Lamsdorf;

8 de Dezembro: em Niepokalanow

Passado algum tempo, umas semanas, foram transferidos também para o campo de Ostrozeszow.

Estava-se a 9 de Novembro. Entretanto aproximava-se a festa da Imaculada. Os frades encontraram um pouco de argila e modelaram uma bela estatuinha da Imaculada: “*rezam juntos em torno dela, com um fervor que comove*”.

E eis que a 8 de Dezembro, dia radiosso para a grande festa da Imaculada, inexplicavelmente, os frades foram postos em liberdade e puderam regressar a Niepokalanow. Presente doce e maternal da Rainha Celeste aos seus filhos mais queridos.

Mas em Niepokalanow que miséria e desolação! Os bombardeamentos e os saques devastaram todas as coisas. A Capela foi deitada a baixo, alguns edifícios estão reduzidos a escombros; tantos móveis destruídos; muitas estátuas da Imaculada estão partidas. Mas não faz mal! São Maximiliano providência, antes de tudo, para que se dê assistência aos muitos soldados em debandada e feridos ali refugiados, junto com os muitos fugitivos que ficaram sem tecto sob as ruínas dos bombardeamentos.

Outros frades voltam, de súbito, a Niepokalanow e São Maximiliano reorganizou também a actividade da impressão, tentando arrancar autorizações para publicar o Cavaleiro da Imaculada. Conseguiu; mas para um só número. Saíram 120.000 cópias do *Cavaleiro*. Estava-se a 8 de Dezembro de 1940. A Imaculada selou com a sua festa, o último número do *Cavaleiro*, escrito por São Maximiliano.



Imagens lúgubres da primeira deportação dos frades de Niepokalanow. A maior parte dos frades tinham já sido afastados nos princípios das horrorosas operações bélicas. Foi uma Via Sacra para todos. Para São Maximiliano só terminará no Calvário.

No Pawiak de Varsóvia

Segunda deportação.

A 17 de Fevereiro de 1941, de manhã, tornaram a apresentar-se em Niepokalanow os oficiais das SS.

O frade porteiro, com as mãos a tremer, chama ao telefone o Pe. Maximiliano M. Kolbe.

- “*Maria*”!- disse o Santo.

- “Chegaram... estão aqui as SS.”, balbuciou o porteiro, frei Ivo.

“*Está bem, meu filho, está bem. MARIA!*”, respondeu o Pe. Maximiliano. Tem um longo interrogatório na cela. Todos os frades estão numa ânsia terrível. No fim do interrogatório, o Pe. Maximiliano com outros três frades são declarados sob prisão e levados nos carros das SS. São Maximiliano “estava tranquilo e sério – escreve frei Pelágio Poplawki, presente com todos os outros frades - . Antes que o automóvel partisse, saudou com um aceno de cabeça, a todos nós, que ficáramos ali de pé, imóveis, aniquilados”.

“*Não vos preocupeis* - tinha dito o Santo a alguns frades, descendo do seu quarto.
– *Vou servir a Imaculada, num outro campo de trabalho*”.

Ele, sim, não se preocupava e não podia preocupar-se. Porque é impossível preocupar-se seja com o que for, quando se tem o Paraíso assegurado. E o próprio São Maximiliano tinha revelado a alguns confrades que, no Japão, lhe fora assegurado o Paraíso. Por quem? Quando? “*Não vos direi mais nada*”, Concluiu São Maximiliano naquela noite em que fez esta confidência aos mais íntimos.

Mas os frades ficaram consternados com a prisão e empenhavam-se com todas as suas forças, para o arrancar às mãos da Gestapo. Vinte frades ofereceram-se como reféns, para tomar o lugar de São Maximiliano. Foi um acto de generosidade grandiosa, que exprime de maneira admirável, a estima, a veneração e o afecto que tinham para com o Santo. Mas foi em vão. A sua subida ao Calvário será sem paragens.

“Creio e muito”

Eis uma heróica profissão, feita por São Maximiliano numa prisão de Pawiak. É um testemunho digno dos *Actos dos Mártires*. É o Senhor Gniadek, companheiro de cela, presente na cena, que no-la conta.

“No princípio de Março de 1941, encontrava-me na prisão de Pawiak, em Varsóvia, na cela 103, na secção II. Comigo estava um judeu chamado Singer. Passados alguns dias, transferiram para a nossa cela o Pe. Kolbe, que vinha vestido com o hábito religioso e sem barba... Cinco dias depois da transferência para junto de nós, recebemos a inspecção do chefe da secção (um nazi). Quando viu o Pe. Kolbe com o hábito religioso, pareceu-me que ia ter um ataque. O ódio daquele homem era não só pela veste religiosa, mas também e sobretudo pelo Crucifixo e o Rosário (que pendiam do cinto do nosso franciscano). Depois do relatório feito ao judeu que era o mais velho da cela, o chefe da secção agarrou o Crucifixo do Pe. Kolbe e puxando-o com esticões gritava: “E tu acreditas nisto?”. Ao que o Pe. Kolbe responde com a máxima:

“*Creio e muito*”

O alemão tornou-se de cor violácea, com a ira. Sem mais demoras, bateu no rosto do Pe. Kolbe. Repetiu três vezes a pergunta e três vezes teve a mesma resposta e três vezes o esbofeteou. Quis atirar-me a ele, mas na certeza de ir piorar as coisas, tentei dissimular a minha fúria, porque de outro modo o guarda ter-se-ia enfurecido ainda mais contra o Pe. Kolbe e ter-se-ia vingado depois também em nós.

Apesar disto, o Pe. Kolbe ficou completamente calmo e, o único sinal do acontecimento, foi a nódoa negra deixada na sua cara.

Estava também um guarda polaco, parado à porta.

Depois do chefe de secção ter saído, o Pe. Kolbe pôs-se a passear na cela rezando. Nós dois estávamos mais irritados que ele, o que é compreensível. Em certos momentos até os nervos mais sólidos não resistem.

Foi o próprio Pe. Kolbe que tentou acalmar-nos dizendo: “*Não há nenhuma razão para se irritarem desse modo; já tendes graves motivos pessoais para preocupação. Isto não é nada, é tudo pela Mãezinha*”.

Auschwitz: campo do martírio

O Campo de concentração de Auschwitz (em polaco Oswiecim) era chamado, muito realisticamente, “*o campo da morte*”, porque teve o nefasto primado de possuir uma câmara de gás (na porta estava escrito “*Banhos e desinfestações*”) e o tenebroso subterrâneo, chamado “*bunker da morte*”, inventado pelo feroz comandante Fritsch, alcunha de “*cabeça de mastim*”.

Neste campo foram massacrados muitos milhões de homens. Por isso o nome Auschwitz ficará na história como um nome atroz e mortuário, nome de um espectro horrendo.

“Mais que um campo de concentração ou de extermínio – escreveu-se – Auschwitz é uma lápide colossal. Auschwitz é um obituário. E, como tal, não tem uma história. Se de história se pode falar, é uma história de cinzas. Auschwitz é a história de toneladas de cinzas dispersas nas águas tumultuosas do Vístula”.

Para este campo infernal, foi mandado São Maximiliano M. Kolbe. Era o dia 28 de Maio de 1941.

O transporte da prisão Pawiak para o campo de Auschwitz era um facto tristíssimo, mas São Maximiliano conseguiu animar os companheiros de desventura, levantando o moral com cânticos, orações e conversas. Um dos 320, sobreviventes, conta-nos:

“Assim que os guardas de escolta nos amontoaram nos vagões, trancando as portas por fora, envolveu-nos um silêncio de túmulo. Mas assim que o comboio se moveu, alguém entoou cânticos religiosos e nacionais, que muitos dentre nós retomaram.

Quis saber quem era a pessoa que dera início àqueles cânticos e soube que fora o Pe. Maximiliano Kolbe, fundador de Niepokalow. Como gosto muito de canto e fui o primeiro a retomar o seu cântico, também o Pe. Maximiliano se interessou por mim. O aperto e a falta de ar no vagão produziam uma atmosfera sufocante, assustadora. A certeza de sermos levados para o campo de concentração influía em nós de modo deprimente.

Todavia, sob o influxo dos cânticos e das conversas do Pe. Maximiliano reanimámo-nos, quase esquecendo a nossa triste sorte”.



Eis o campo de morte, Auschwitz (em polaco Oswiecim). Aqui encontraram a morte milhões de homens. Foi chamada “fábrica de morte”. Mas, no meio de tantos horrores, resplandeceu o prodígio de amor de São Maximiliano, que se imolou por um pai de família.

Número 16670

No campo de concentração, os recém – chegados eram despidos das suas roupas e submetidos a um banho em comum, sob jactos violentíssimos de água gelada, por entre os escárnios e as frases obscenas dos guardas; depois, cada um recebia um casaco com um número no lugar do nome próprio; muitos casacos estavam ainda sujos de sangue.

São Maximiliano recebeu o número 16670, num casaco com riscas verticais cinzentas e azuladas. Sob o número, do lado do coração, um pequeno triângulo vermelho indicava que era Sacerdote.

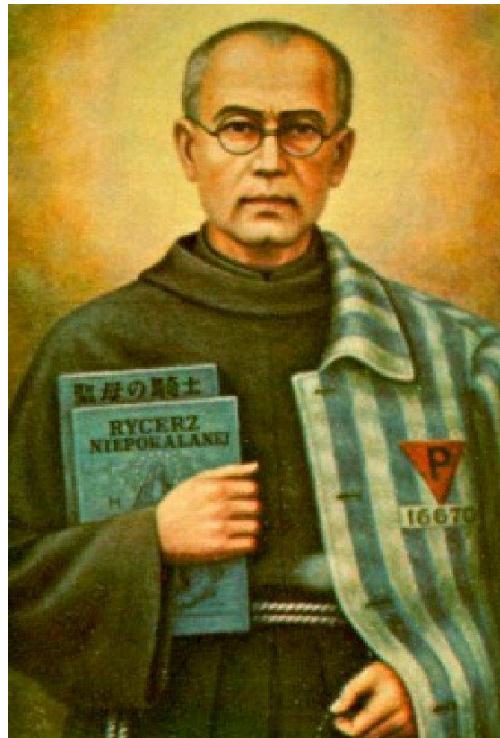
Judeus e Sacerdotes recebiam um tratamento especial de crueldade e ferocidade. Deviam morrer dentro de pouco tempo. Por isso, eram confiados a um chefe de secção tristemente famoso como sanguinário e criminoso: *Krott*.

Também São Maximiliano foi entregue a ele e foi submetido a trabalhos extenuantes com tratamento brutal. Carregar e transportar cascalhos; cortar e levar as costa lenha e troncos de árvore; mudar estrume, transportar cadáveres... Eram todos trabalhos para fazer em silêncio correndo sem parar: cada instante de repouso, cada lentidão era pago com sangue, pontapés, bastonadas sem piedade.

Como fazia São Maximiliano, frágil como era e sem um pulmão? Impossível para ele, não esbracejar, cambalejar e cair muitas vezes sob a carga dos pesos!

E de cada vez eram bastonadas, pontapés, insultos. Nem era permitido ajudar. Quem o fizesse, era também ele castigado a sangue. Todavia os companheiros de São Maximiliano tinham grande compaixão pela sua fraqueza e queriam ajuda-lo. Mas era ele quem os dissuadia, dizendo com um sorriso: “*Não vos exponhais a receber, também vós, golpes; a Imaculada ajuda-me... Eu aguentarei*”. E uma vez, para levantar o ânimo dos companheiros, disse: “*Tudo aquilo que sofremos é pela Imaculada. Que vejam todos como somos confessores da Imaculada*”.

Ele percorria a Via Sacra e percorria-a com a Imaculada: como Jesus na via dolorosa do Calvário.



Cães mastins e flagelos

Entre muitos, eis dois episódios de crueldade monstruosa.

Uma vez, o Santo estava a mudar estrume. Chegou um guarda com um cão mastim. Achou que o Santo mudava pouco estrume, aproximou-se dele e espancou-o brutalmente, depois instigou o cão contra ele, lançando-se a agarrá-lo com os dentes e a mordê-lo. O Santo conservava uma calma admirável, não deixou escapar nem sequer um lamento. O companheiro de trabalho ficou atordoado com aquela calma e força de ânimo. Não sabia quem era o Pe. Kolbe.

Outra vez foi o próprio chefe, o sanguinário Krott, a carregar sobre os ombros de São Maximiliano um peso enorme de estrume com a ordem de correr, o Santo mal deu uns passos, caiu por terra sob o peso. Então Krott deu-lhe pontapés no rosto e no ventre, golpeando-o com o bastão e gritando-lhe furioso: “Não tens vontade de trabalhar. Far-te-ei ver, eu mesmo, o que quer dizer trabalho!... “Entre gritos e blasfêmias fê-lo estender sobre um tronco diante de todos e fez com que um dos guardas mais robustos o flagelasse com 50 golpes.

O Santo ficou quase inanimado. Parecia morto. Lançado num fosso, o corpo foi coberto de ramos verdes. Mais tarde os companheiros ajudaram-no a reanimar-se. Mas teve de ser levado ao ambulatório do hospital onde teve o seguinte diagnóstico: “*pneumonia com deterioração geral*”.

Pobre vítima, mansa e doce como um cordeiro, à semelhança do *Divino Cordeiro*.

“Imerso em Deus e na oração”

Padecer a fome e falar de comida, sentir a morte próxima e sentir o medo e o terror, eram coisas normais para todos aqueles pobres desgraçados.

Para São Maximiliano por outro lado, a coisa era bem diferente. Ele “não falava nunca destas coisas – diz uma testemunha – vivia como que num outro mundo, imerso em Deus e na oração...”

Via-se nele, primeiro que tudo, o espírito de oração...”

Era este viver “imenso em Deus” que lhe fazia dizer palavras sobre humanas de conforto e de esperança. Naquele reino de ódio mais desumano, ele disse uma vez: “*Só o amor é força criativa*”. Quando conversava – diz um outro – dirigia-nos sempre para a Virgem Santíssima. E a quem se aproximava dele, de ânimo desolado, ele abraçava-o de encontro ao coração e sabia indicar-lhe a Imaculada, dizendo: “*Ela é a verdadeira Consoladora dos aflitos, ouve todos e ajuda todos*”.

Estes tons de voz, estas palavras, estes confortos espirituais eram fruto da sua oração incessante. Quanto e como rezava!

Um dos prisioneiros era pintor, São Maximiliano pediu-lhe que desenhasse a lápis duas figuras, uma de Jesus, outra de Nossa Senhora. Andava sempre com elas, mesmo correndo o risco de ser descoberto e castigado de maneira terrível. Aconteceu-lhe perdê-las e fez com que lhe desenhasse outras duas. Não podia estar sem as contemplar muitas vezes.

“Parece-me aindavê-lo – escreve outro prisioneiro – quando rezava o Rosário pelos dedos, porque em Oswiecim não era permitido sequer um pequeno terço”.

Uma outra testemunha teve a sorte de dormir, ao lado de São Maximiliano, durante algumas semanas, e deu-se conta, de que, à noite, o Santo se ajoelhava para rezar, o teriam castigado duramente. “*Dorme filho... - eu já sou velho, rezarei por vós*”. Também antes das refeições, sem receio, ele fazia o sinal da Cruz, não tendo cuidado com o perigo de ser visto e espancado pelos guardas.

Muitos teriam desejado receber a Sagrada Comunhão, mas era expressamente proibido. Só por duas vezes, escondido, o Santo teve a graça de celebrar a Santa Missa e pôde distribuir a Eucaristia a um grupo de prisioneiros. Outras vezes, para simbolizar a Sagrada Comunhão, pegava na sua porção de pão, abençoava-o, e dava um pedacinho a cada um.

Também S. Francisco de Assis, alguns dias antes de morrer, tinha feito o mesmo com os seus frades.



Sacerdote em acção

Poder-se ia pensar que São Maximiliano como sacerdote, tivesse sido reduzido à inactividade, naquele inferno de tiranos e de arame farpado.

Pelo contrário: Sabemos com certeza que o Santo foi um sacerdote activo, prudente, mas audacioso. Entre os prisioneiros ou entre os doentes no hospital, São Maximiliano confessou muitos, pregou muito, iluminou e confortou muitos corações. Quando lhe davam medalhas, distribuía-as de imediato entre os companheiros de dor. Sempre que podia, reunia os grupos de prisioneiros para rezarem juntos, para conversas espirituais. Há quem recorde uma conferência inesquecível do Santo sobre “*A Santíssima Virgem Maria em relação com as pessoas da Santíssima Trindade*”

Os prisioneiros iam às escondidas, rastejavam de noite, até junto à cama do Pe. Kolbe, para se confessarem e serem confortados. No hospital também era o Pe. Kolbe quem rastejava até junto dos doentes para confessar e consolar. Correndo sempre o gravíssimo risco de pagar caro o facto, com a pena de fuzilamento!

Internado na enfermaria, foi colocado junto à porta de entrada, e aproveitava para dar a bênção e a absolvição, *sob condição*, a cada morto que era levado.

Uma vez com outro prisioneiro, foi mandado transportar cadáveres. O companheiro descreveu o que se passou, revelando-nos o comportamento sobre-humano do nosso Santo.

“Encontrei-me diante do primeiro morto. Era um jovem, todo nu, com ventre esquartejado, as pernas ensanguentadas, as mãos torcidas para trás, o pescoço inchado, o rosto mostrando claramente os sinais da dolorosa agonia; não fui capaz de dar um passo. O guarda deu um grito, ao que fez eco uma voz calma: “*Vamos, irmão*”.

Por uma fracção de segundos, pareceu-me conhecer aquela voz. Com repugnância peguei no cadáver pelas pernas ensanguentadas, enquanto o meu companheiro o levantava pelos ombros e colocámo-lo na pia; depois pegámos no segundo que colocámos ao lado do primeiro e dirigimo-nos ao crematório situado junto ao Comando do Campo. Eu estava terrivelmente perturbado. Os braços fraquejavam-me, os tamancos caíam-me dos pés. Pensava que seria melhor se fosse eu a ser transportado para aquela pia.

De repente, atrás de mim, ouvi a voz calma e comovida do meu companheiro: “*Santa Maria, rogai por nós...*”

Como se uma descarga eléctrica me tivesse passado pelos membros, senti-me de repente forte. Chegados ao crematório, uma construção baixa, com o tecto plano e com uma chaminé alta da qual o vento varria o fumo pestilento.

Ali era preciso empilhar os cadáveres depois de ter dito ao guarda o número inscrito a lápis químico no peito do morto. Depois tínhamos de assistir à incineração do macabro catafalco constituído por uma grande grelha sobre as chamas, onde queimavam os corpos dos pobres prisioneiros mortos no campo.

Estava totalmente alucinado, inconsciente. Saímos eu e o meu companheiro, enquanto eu tremia dos pés à cabeça. As minhas pernas eram toros rígidos; era meu companheiro quem empurrava, devagar, a pia e a mim também.

Assim que passámos a soleira da porta do crematório, ouvi a mesma voz clara e submissa:

“*Dai-lhes o eterno descanso, Senhor*”.

Mais uma vez, aquela voz soava-me familiar. Voltou a sussurrar: “*E Verbo Se fez carne!*”

Quem era? Era o franciscano de Niepokalanow, o Pe. Maximiliano Kolbe.

“Conquistava-nos a todos”

Lutava-se pela vida no campo. Lutava-se por um pedaço de pão. A fome consumia. Tornava as pessoas escravas. Provocava, às vezes brigas violentas.

De São Maximiliano, pelo contrário, recordam-nos apenas episódios e gestos comoventes, duma caridade heróica a toda a prova.

Há quem recorde como dava, com facilidade, a sua sopa ao mais jovem.

Era preciso impedi-lo para o fazer comer um pouco.

Cedia a vez aos outros, quando se tratava de ir à consulta e de ser tratado pelo médico. Foi o próprio médico do campo – o doutor Diem – a admirar-se porque é que aquele Nº 16670 achava sempre que os outros “estavam mais necessitados do que ele”. Naquele mundo – diz – em que o instinto animal de sobrevivência exalava por todo o lado, uma tal abnegação, um tal desejo de se sacrificar, pelos outros, era tão surpreendente para mim, que por fim lhe perguntei: “Quem és?” ele respondeu-me: “Sou um sacerdote católico”.

Aos maus-tratos bestiais dos guardas, o Santo sabia responder sem ressentimento: “*Que Deus te perdoe*”, como Jesus na Cruz rezou pelos seus carrascos: “*Pai, perdoai-lhes*”.

No respeitante aos alemães, depois, nunca ninguém lhe ouviu uma palavra de condenação ou de ódio: “Antes pelo contrário, não só rezava por eles, como também os exortava a fazê-lo, pela conversão deles”. Sabia alemão e falava-o para obter alguma ajuda dos chefes, para defender a causa de qualquer prisioneiro, para ajudar alguém a escrever para casa em alemão.

Preferia para si os trabalhos mais penosos, apesar de ser mais macilento e frágil que os outros. Sofria ao ver o mau comportamento de algum prisioneiro. Se alguns brigavam, procurava todos os meios para os pacificar. Um prisioneiro lavava mal as marmitas e batiam-lhe violentamente nas mãos com um bastão. São Maximiliano lavava ele a marmita. Um outro prisioneiro tinha-nos pés tamancos em mau estado. O Santo trocava-lhos pelos dele que estavam melhores.

Mas sobretudo, o dom constante da sua caridade, no exemplo da humanidade, de mansidão e de oração, era sua palavra de fé, de esperança, de amor ardente a Deus e à Santíssima Virgem.



Uma notícia terrível, de fazer gelar o sangue; fugiu um dos prisioneiros de bloco 14.

“Peço para morrer no lugar dele”

Uma notícia terrível, de fazer gelar o sangue: fugiu um dos prisioneiros do bloco 14. O Santo pertencia àquele bloco. Se o prisioneiro não voltasse no dia seguinte, dez prisioneiros seriam condenados a uma morte atroz: a morte à fome e sede no tenebroso “Bunker da morte”.

O espanto e o terror pesavam sobre o ânimo dos prisioneiros como rochas esmagadoras. Castigados a ficar de pé na praça durante horas, circundados por guardas e cães mastins, sob o sol escaldante em pleno verão, os minutos passavam num crescendo de angústia mortal.

O prisioneiro não voltava. Não voltou.

Ao pôr-do-sol, o comandante Fritsch apresentou-se para escolher os dez a condenar.

Um silêncio mortal, torturante.

“*Tocar-me-á a mim?...*” São Maximiliano rezava e contemplava a sua Mãezinha Celestial. Estava, como que entre as suas mãos: instrumento de amor, preparado para tudo, agora pronto também para o martírio supremo de amor.

O comandante, cínico e trocista, sem seguir qualquer critério, escolheu de todas as filas os dez condenados.

O Santo não foi escolhido. Mas ouvia as últimas palavras, ditas com tormento, dos prisioneiros que eram escolhidos.

“Adeus, amigos; encontrar-nos-emos lá onde existe a verdadeira justiça.” “Viva a Polónia” É por ela que dou a minha vida!” “Adeus! Adeus! Minha pobre esposa, adeus meus pobres filhos, agora órfãos do vosso pai!”.

A este último, grito, dado soluçando pelo sargento Gaiowniezek, o coração de São Maximiliano não aguentou mais. E aconteceu a coisa mais incrível daquele campo:

O Santo saiu decididamente da sua fila e apresentou-se ao comandante Fritsch. De figura frágil, mas de porte nobre, com voz segura, disse: **“Peço para morrer no lugar daquele pai de família”**.

O comandante ficou surpreendido durante alguns instantes. Inconcebível, um pedido do género.

“E porque?” – perguntou ao Santo.

“*Porque sou velho e fraco; ele, pelo contrário, tem mulher e filhos*”.

Só a caridade heróica faz falar assim, demonstrando que o amor quando é verdadeiro, não se preocupa com a morte, mas serve-se da morte para se tornar amor supremo.

“Quem és?” – perguntou o Comandante.

“*Sou um sacerdote católico*”, respondeu o mártir.

Os Sacerdotes eram particularmente odiados. A resposta do Santo foi um testemunho de fé que lhe mereceu a condenação. Pareceu então evidente que era mártir a caridade da fé.

“Aceito!” – foi a última palavra do comandante.



Francisco Gajoniczek com a mulher e os dois filhinhos. Por este pai de família, São Maximiliano ofereceu a sua vida à morte no bunker da fome. O Santo pode ser, por isso, considerado o celeste Patrono de todos os pais de família.

No bunker da morte

Com os nove desgraçados companheiros, São Maximiliano foi conduzido ao bunker da morte, do qual se saía apenas para ser levado para o crematório.

Algumas celas estavam já cheias de condenados. O novo grupo dos dez foi colocado na cela nº 21, completamente escura e vazia.

Oíçamos a narrativa do Sr. Bruno Bogowiec, um prisioneiro que trabalhava como intérprete no bunker.

“Depois de terem ordenado aos pobres condenados, diante do bloco, que despissem todas as roupas, empurraram-nos para o lugar onde já se encontravam cerca de outras vinte vítimas do último processo. Os recém – chegados foram conduzidos a uma cela separada. Fechando a porta, os guardas troçando, diziam “*Ihr werdet eingehen wie die Tulpen*” (secareis como tulipas). A partir daquele dia os desgraçados nunca mais receberam qualquer comida.

Todos os dias os guardas faziam as visitas de controle e ordenavam que fossem levados os cadáveres dos mortos durante a noite. Durante estas visitas estive sempre presente, pois tinha de escrever os nomes de referência, dos mortos ou então traduzir de polaco para alemão as conservas e os pedidos dos presos. Da cela onde estavam os infelizes, ouviam-se as orações recitadas em voz alta, o Terço e Cânticos religiosos, aos quais se associavam também os prisioneiros das outras celas.

Nos momentos de ausência dos guardas, eu descia ao subterrâneo para conversar e consolar os companheiros. As orações ardentes e os hinos à Santíssima Virgem ecoavam por todo o subterrâneo. Parecia-me que estava na Igreja. O Pe. Maximiliano Kolbe começava e todos os outros respondiam. Às vezes estavam tão absortos nas orações que nem se apercebiam da vinda dos guardas para a visita do costume. Finalmente, aos gritos destas vozes, morriam...

Por estarem já fracos, rezavam as orações em voz baixa. Durante cada visita, quando estavam já quase todos estendidos no chão, via-se o Pe. Maximiliano Kolbe, de pé ou então de joelhos, no meio, olhar os que chegavam, com uma expressão serena. Os

guardas conheciam a sua oferta, sabiam também que todos aqueles que estavam com ele morriam inocentemente; por isso tendo respeito pelo Pe. Kolbe, diziam entre eles:

"Der pfarrer dort ist doch ein ganzantandiger Mensch. So einen haben wir hier noch nicht gehabt (Este sacerdote é mesmo um homem de respeito. Até agora nunca cá esteve outrou como ele).

14 de Agosto de 1941

Durante a sua vida, São Maximiliano expressara muitas vezes o desejo de morrer nun dia de festa de Nossa Senhora. E até este desejo foi conduzido pela sua “Mãezinha”. Ele morreu ao princípio da tarde do dia 14 de Agosto, vigília da Assunção, e o seu funeral (a cremação) foi celebrada a 15 de Agosto, Solenidade de Nossa Senhora da Assunção. As suas cinzas foram dpois dispersas pelos campos e nas águas do Vístula.

Oiçamos ainda o relato de Bruno Borgowiec sobre a santa morte do Santo.

“Assim se passaram duas semanas. Entretanto, os prisioneiros morriam uns atrás dos outros; de tal modo que, no final da terceira semana, ficaram apenas quatro, entre os quais o Pe. Kolbe. Parecia às autoridades que isto se prolongava muito; a cela era necessária para outras vítimas. Por isso, um dia (14 de Agosto) levaram o dirigente da Sala de Doentes, um alemão, o criminoso Boch, que deu a todos injecções de ácido venenoso no braço esquerdo. O Pe. Kolbe com a oração nos lábios, estende ele próprio o braço ao carniceiro. Não podendo resistir ao que os meus olhos viam e sob pretexto de ter trabalho no escritório, saí para fora. Uma vez saídos os guardas com o carniceiro, voltei à cela, onde encontrei o Pe. Maximiliano Kolbe, sentado, encostado à parede, com os olhos abertos e a cabeça inclinada para o lado esquerdo (era a sua posição habitual). O seu rosto sereno, estava radios... Assim morreu o Sacerdote, o herói do Campo de Oswiecim, oferecendo espontaneamente a sua vida por um pai de família; sossegado e tranquilo, rezando até ao último momento.”

Numa declaração mais particular, Bosgowiec dizia ainda mais “O seu corpo está limpíssimo e luminoso (cândido). Qualquer um se teria impressionado com a sua posição e compreenderia que se encontrava diante dum santo. O seu rosto resplandecente de serenidade, ao contrario dos outros mortos, estendidos no chão, sujos, com os sinais do sofrimento no rosto”.

Ainda num outro relato, ele afirmava recordando comovido: “Quando abri a porta, já morrera; mas parecia-me vivo. A face radiosa dum modo estranho. Os olhos muito abertos e fixos num ponto. Toda a figura como que em êxtase. Não esquecerei nunca este espectáculo”.

Também nós não podemos nunca esquecer esta cena quase sobre-humana. Eis São Maximiliano mártir de rosto radios, com os olhos abertos e fixos naquele ponto que era a sua “*ideia fixa*” a Imaculada. Arrebatado por Ela para a glória das duas coroas, a branca e a vermelha, com as quais reinará eternamente ao lado da sua Rainha Celeste.



O Pe. Kolbe com a oração nos lábios, estende ele próprio o braço ao carniceiro.

“O Louco pela Imaculada”

São Maximiliano foi uma vítima mariana perfeita, foi um holocausto mariano total.

A Imaculada foi toda a razão da sua existência. Era dele aquela máxima que diz quase tudo num gesto fortíssimo:

“Minha Imaculada e meu tudo, meu tudo, meu tudo!”

E não era ele próprio, porventura, a definir-se “Louco pela Imaculada”?

Sim, ele foi, viveu e morreu como “Louco pela Imaculada”. Grandíssimos Santos amaram Nossa Senhora com amor transbordante, cantaram -Na e celebraram –Na com paixão incontida. Pensem em S. Efrém, S. João Damasceno, S. Bernardo, S. Luís Grignon de Montfort, S. Afonso de Liguori.

No discurso de Beatificação do Pe. Maximiliano, glorificado a 7 de Outubro de 1971, o Papa Paulo VI disse esplendidamente que o Pe. Kolbe está colocado “entre os grandes Santos e os espíritos videntes que compreenderam, veneraram e cantaram o mistério de Maria”, e no discurso para a Canonização, o Papa João Paulo II apresentou “A fé e as obras de toda a vida do Padre Maximiliano... sob o signo da Imaculada Conceição.”

Mas talvez nenhum Santo se tenha alguma vez defendido a si mesmo, nem tenha sido chamado pelos outros de “louco” “pela Rainha Celeste”.

São Maximiliano, pelo contrário, apresenta-se assim e passará deste modo à história da santidade: ele não é apenas o Santo da Imaculada, mas é o Santo “louco pela Imaculada”.

O seu exemplo e o seu magistério de amor à Imaculada são um vértice e uma maravilha. Ele cumpriu perfeitamente em si, aquilo que bradava também aos outros: chegar a “respirar a Imaculada” a “consumir-se” pela Imaculada, a “transsubstanciar-

se" n'Ela. E a Imaculada tornou-o "conforme Jesus" (Rom 8,29) entre os filhos de S. Francisco de Assis, na vida virginal, pobre e crucificada, na morte de amor sangrenta e atormentada, escolhida por ele próprio, tal como Jesus: *Imolou-se porque Ele assim o quis*" (Is. 53,7). Que confirmação admirável, que a mais ardente devoção a Nossa Senhora, leva à mais luminosa conformidade com Jesus!

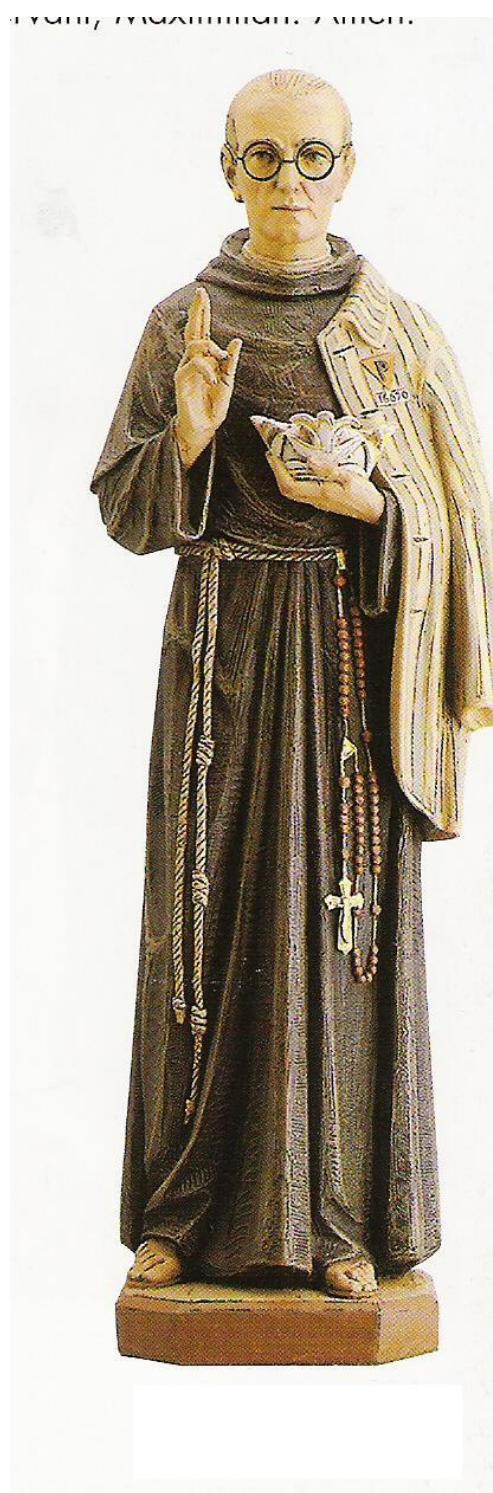
Podemos pedir a São Maximiliano todas as coisas; mas uma só coisa não podemos certamente pedir a outro senão a ele, isto é: *a loucura de amor à Imaculada*. Ele pode no-la conceder, ele quer no-la conceder. Foi ele próprio que uma vez, ao desejar, a confrades, que o superassem mil vezes no amor à Imaculada e depois que o superassem um milhão de vezes e depois que eles o superassem um bilião de vezes e assim por diante, em nobre prova, sem nunca pararem. Que força arrasadora é o amor louco!

É a este amor que ele nos quer elevar; quer inebriar-nos deste amor. Por isso podemos ouvi-lo a repetir-nos continuamente:

"Amai a Imaculada e Ela vos fará felizes".

"Não temais amar demais a Imaculada, porque nunca conseguireis amá-la tanto como Jesus A amou."





Esta Imagem encontra-se na Capela do Estabelecimento Prisional Militar, em Tomar

Este livro foi compilado pelo Conselho Pastoral do EPMilitar, para assinalar a passagem de mais um aniversário da morte de São Maximiliano Maria Kolbe, Padroeiro deste Estabelecimento Prisional Militar.

Capelania de São Maximiliano Kolbe, 14 de Agosto de 2006



Photo by Lillo